

BESTSELLER INTERNACIONAL

**39 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS**

CAMILLA
LÄCKBERG
HENRIK **FEXEUS**
A SOMBRA

SUMA
de Textos

FALTAM CATORZE DIAS

Niklas comia sem pressa, contemplando a família sentada no outro lado da mesa. Já era dia 17 de dezembro, mas parecia-lhe demasiado cedo para pôr as decorações natalícias. A sua filha, porém, decidira que estava na altura, pelo que havia duendes de porcelana branca sobre a toalha de mesa, e o brilho quente das luzes de Natal proporcionava a luz ambiente. Ela considerava que uma árvore dificilmente sobreviveria até à véspera de Natal no interior do apartamento, razão pela qual suspendera do candeeiro uma fiada de luzes em jeito de iluminação principal.

A filha vestira uma camisola de malha com luzinhas vermelhas e verdes que se acendiam e apagavam, ao passo que Niklas, no espírito da ocasião, escolhera uma gravata vermelha. Como de costume, vestia um fato cinzento, obviamente. A extravagância também tinha limites.

Levou o garfo à boca: um pedaço de ananás grelhado, glaceado com gengibre, malagueta e mel. A bem dizer, não era fã da presença de fruta no prato principal, mas a filha adorava ananás. Sem dúvida que preferia isso ao suculento lombo de vaca. Enfim, mais sobrava para ele.

As outras duas pessoas à mesa estavam tão concentradas na comida quanto Niklas, e nem haviam reparado que ele as observava. Ainda bem. Devia estar a fazer cara de parvo, mas não conseguia evitar. À falta de uma expressão melhor, estava satisfeito. Era uma sensação nova, que, ao fim e ao cabo, não lhe custara tanto sentir.

Uma carreira brilhante era coisa que lhe importava de somenos, isso já ele tinha.

Tão-pouco lhe fazia falta um espaçoso apartamento em Linnégatan, no seletto bairro de Östermalm, ainda que fosse bastante aprazível viver ali com a filha.

Bastava-lhe que os três se sentassem juntos à mesa.

O atentado fracassado de que fora vítima, meses antes, e que tinha sido notícia na imprensa vespertina, era coisa do passado. Desde logo, foram implementadas novas medidas de segurança, que provavelmente seriam para manter mais seis meses, até que a sua chefe deixasse de andar com os nervos em franja. Mas já estava tão habituado à escolta que era como se os seguranças fizessem parte da família.

A família.

Era o que dava sentido a tudo. A sua filha tinha dezasseis anos. Estava a tornar-se uma mulher, e ele convencera-se de que tinha desempenhado bem o seu papel de lhe ensinar as andanças do mundo. Por vezes, a rapariga revoltava-se contra ele e dizia-lhe que o odiava; tudo bem, eram coisas da adolescência. Diante dele, estava sentada a ex-mulher. Se, há seis meses, alguém lhe dissesse que iam conseguir jantar juntos tranquilamente, ele não acreditaria. Nem em sonhos. Mas esse prenúncio veio a revelar-se certo. Era mesmo verdade que o tempo curava todas as feridas. E ali estavam eles reunidos, como uma família moderna, partilhando uma ceia antecipada de Natal. Sem se odiarem. Tinham mesmo trocado presentes.

De súbito, formou-se-lhe um nó na garganta, e teve de desviar o rosto, olhando pela janela, para que ninguém desse conta dos seus olhos marejados de lágrimas. A neve caía tranquila e pausadamente lá fora, no escuro. O mundo era como uma imagem de postal. E o mesmo poderia dizer-se da sua vida nesse momento. Pela primeira vez em muitos anos, sentia ter aliviado a tensão nos ombros e a perpétua dor de cabeça tinha desaparecido.

Um zumbido vindo do corredor anunciou que alguém estava a tocar à campainha. A filha levantou os olhos do prato, surpreendida.

— Quem poderá ser? — indagou. — É sábado. Lembra-te do que prometeste: nada de trabalhar durante a ceia de Natal.

— Não faço ideia de quem seja — respondeu ele com sinceridade, levantando-se da cadeira. — Não será para uma de vocês?

A ex-mulher e a filha negaram-no com a cabeça.

Niklas percorreu então o corredor em direção à porta da entrada.

— Olha que te vais arrepender, se tiveres contratado um Pai Natal! — gritou a filha da sala de jantar.

A pessoa que aguardava do outro lado da porta, fosse ela quem fosse, devia ter furado o rigoroso controlo de segurança montado pelos

guardas colocados na rua. Além disso, o facto de não o terem avisado da chegada dessa pessoa significava que não precisava de se preparar para receber a visita. O ecrã do videoporteiro colocado por cima da porta permitiu-lhe ver a pessoa em questão: um homem com neve sobre os ombros, capacete de ciclista e um casaco com uma estrela vermelha ao peito. O logótipo da empresa de estafetas Não Apenas Correio. Isso explicava tudo.

— Sim? — instou Niklas, abrindo a porta.

— Niklas Stockenberg? — perguntou o homem, ainda a recuperar o fôlego, estendendo-lhe um pequeno sobrescrito preto. — Aqui tem. Uma carta para si.

Não havia nada escrito no sobrescrito. Franzindo o sobrolho, Niklas pegou nele e virou-o. Também não havia nada do outro lado.

— Quem enviou isto?

Mas o homem já se tinha ido embora. Descera as escadas a correr assim que entregara o sobrescrito. Talvez estivesse atrasado para a entrega seguinte.

Niklas fechou a porta e abriu o sobrescrito. Dentro havia um cartão branco. Ao retirá-lo, constatou que se tratava de um cartão de visita, bastante elegante, por sinal. Mas não tinha nenhum nome impresso, apenas uma espécie de número: um oito em tamanho grande, como se fosse um recipiente meio cheio. E, por baixo, um número de telefone. Fora isso, o cartão estava em branco.

Franziu o sobrolho. Não conhecia aquele símbolo e o número de telefone era-lhe desconhecido, mas a intuição disse-lhe imediatamente do que se tratava. Era uma mensagem que há muitos anos sabia que receberia, embora esperasse que esse dia nunca chegasse. Rejeitara por completo essa ideia e expulsara-a da sua vida. Não estava preparado.

Obviamente que podia dar-se o caso de ser publicidade.

Só havia uma maneira de o descobrir. Tirou o telemóvel do bolso interior do casaco e ligou para o número do cartão. As mãos tremiam-lhe.

Após três toques, ouviu uma voz feminina numa gravação.

— *Olá, Niklas Stockenberg. Esperamos que tenha ficado satisfeito com os nossos serviços durante o período que agora chega ao fim. Restam-lhe... catorze dias... uma hora... e... doze minutos... de vida.*

Agarrou o telemóvel com força na mão, como se assim pudesse destruír a mensagem. Sentia o coração bater-lhe na garganta e o ar não lhe chegava aos pulmões. Sentiu a divisão girar à sua volta e teve de apoiar a mão na parede para não cair ao chão.

Ouviu risos vindos da cozinha. A filha e a ex-mulher deviam ter achado piada a alguma coisa.

Caiu de joelhos na alcatifa do corredor. Felizmente, comprara um tapete caro e macio; de contrário, ter-se-ia magoado a sério. Fechou os olhos e tentou concentrar-se. Há muito que sabia que aquele dia chegaria, mas recusara-se a aceitá-lo. Queria acreditar que se safaria.

Já tinha passado tanto tempo!

— Pai, onde te meteste? — gritou-lhe a filha. — Aviso-te já de que, se estiveres a vestir um fato de Pai Natal, chamo os jornalistas.

Niklas encostou-se de novo à parede e começou a levantar-se. Pigarreou repetidamente, tentando respirar fundo e encher os pulmões de ar, para diminuir os tremores. Só então voltou à sala de jantar.

Quando a mulher e a filha, sentadas à mesa, olharam para ele, pararam imediatamente de rir.

— Quem era? — perguntou a filha, assustada. — Estás tão pálido.

A ex-mulher levantou-se da mesa como se impelida por uma mola.

— Anda cá, senta-te antes que caias — disse ela, encaminhando-o para uma cadeira e levando-lhe a mão à testa.

— Não era ninguém — respondeu Niklas. — Só um tipo que se enganou na porta.

— Estás ensopado em suor. Não estarás a ter um ataque cardíaco? Andas a tomar alguma medicação? Queres que chame uma ambulância? Fala comigo, Niklas!

Mas ele limitou-se a virar a cabeça na direção da filha e a tentar sorrir-lhe.

— Não é nada, Nathalie — disse. — Estava apenas um pouco tonto.

Nathalie olhou para a mãe com uma expressão inquisitiva. Niklas, por seu lado, afastou a mão da ex-mulher do ombro e segurou-a entre as suas durante alguns segundos.

— Agradeço-te, Mina, mas não preciso de uma ambulância — disse. — Isto já passa.

A neve que via do lado de fora da janela já não caía calma e lentamente, formava antes uma parede fria e implacável, encerrando-o numa prisão invernosa da qual não podia escapar.

Não tinha para onde fugir.

Dali a duas semanas estaria morto, e ainda tinha tanto para fazer! Olhou para Mina e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas fechou-a imediatamente. Fizera por elas tudo o que estava ao seu alcance? Fora um bom pai para Nathalie? Sentiriam a sua falta? O que diriam no trabalho?

As luzinhas vermelhas e verdes do pulôver de Nathalie acendiam e apagavam com uma determinação alegre. Niklas não queria morrer.

O cartão de visita resvalou-lhe das mãos e foi parar ao chão. Niklas não o apanhou. Soltou um longo suspiro e passou a mão pelo rosto.

Os últimos vinte anos tinham sido bons. Muito bons, até. Contudo, como já tinha dito a Mina, tudo isso acabaria em breve.

Restavam-lhe catorze dias, uma hora e doze minutos. Naquele momento, porém, já só deviam ser dez minutos.

Vincent estava deitado no chão do seu camarim no Teatro Scala em Karlstad. Apagara a lâmpada do teto, mantendo acesas as luzes à volta do espelho de maquilhagem. As lâmpadas quentes alinhadas ao redor do espelho constituíam um dos poucos detalhes condizentes com a imagem que as pessoas normalmente têm do interior de um teatro. Talvez porque a vida inteira estivera sujeito à programação mental levada a cabo pela indústria do cinema de Hollywood, mas Vincent adorava aquelas lâmpadas. Achava-as bonitas e românticas.

O espetáculo já tinha acabado há uma hora. Os membros da equipa atarefavam-se ainda no palco, que ficava um andar abaixo. Competia-lhes desmontar o cenário, recolher os adereços e o pesado equipamento de iluminação e carregar tudo em dois grandes camiões. Contratavam sempre pessoal local para esta tarefa, e o diretor da digressão, Ola Fuchs, era uma lenda no mundo do espetáculo sueco, mesmo assim demoraram pelo menos três horas a acabar de desmontar tudo. Mal sabia o público que o brilhante espetáculo de duas horas de Vincent exigia pelo menos sete horas de trabalho muito pouco glamoroso, entre a preparação prévia e as tarefas após o espetáculo. E isto todas as noites.

Ainda deitado, Vincent corrigiu cuidadosamente a postura. O chão de linóleo era incrivelmente duro. Olhou para o sofá e arrependeu-se de não se ter deitado nele. Mas já era tarde para isso. Restava-lhe ficar onde estava.

No Teatro Scala abundavam os números ímpares, o que lhe causava algum transtorno. A altura do teto do palco era de cinco metros. Se fosse de seis, ter-se-ia sentido muito melhor. Dezassete tubos pendiam do teto, aos quais se podiam ligar os projetores e os adereços. Também não era um bom número. No entanto, cinco mais dezassete dava vinte e dois, um número composto por dois algarismos iguais. Assim estava melhor. Além disso,

dois mais dois dava quatro: o número total de atuações que faria naquele teatro durante a temporada.

Pendurara no bengaleiro a fatiota que tinha usado no espetáculo. Desta vez, escolhera um fato de três peças: calças, casaco e colete. Afinal, era o último espetáculo antes do Natal. Três peças. Não! Merda! Não tinha pensado nisso. Também por causa do fato, acabara a atuação encharcado em suor. Mal chegara ao camarim, ficara apenas de *t-shirt* e cuecas. Se alguém entrasse de repente, não o julgariam morto, como poderia acontecer se o encontrassem deitado no chão com o fato completo vestido. Sorriu para si próprio. Estamos sempre a aprender com os erros.

Um estrondo repentino vindo do palco assustou-o. Certamente que alguma coisa se partira. Conseguia ouvir no camarim os palavrões de Ola, mas Vincent tinha aprendido há muito que, em certas situações, era melhor fingir que não era nada com ele. No início da carreira, havia tentado ajudar na preparação e desmontagem do espetáculo. Ouvira críticas aos artistas arrogantes que não mexiam uma palha e só se preocupavam com o seu desempenho, e não queria que o pusessem no mesmo saco. Mas depressa se apercebeu de que apenas estorvava. O melhor para todos era sair do caminho até eles terminarem.

Isso significava que podia ficar deitado no chão duro durante pelo menos mais uma hora, até os camiões estarem carregados. Ainda bem que assim era, porque as dores de cabeça tinham voltado com uma intensidade redobrada. Em cima da mesa, ao seu lado, estava um copo com os restos de um pó efervescente. *Aspirina Plus*. Há algum tempo que sobrevivia à base de medicamentos para as dores de cabeça, de preferência com cafeína. Perguntou-se se deveria tomar outra dose, mas chegou à conclusão de que não lhe serviria de nada. Fechou os olhos e suspirou, à espera de que a dor passasse. Ou, pelo menos, que aliviasse, um pouco que fosse. Nas digressões anteriores, costumava sentir-se exausto depois de atuar, talvez também um pouco cansado mentalmente. As dores de cabeça, porém, eram um novo sintoma. Começaram a apoquentá-lo depois dos espetáculos, há cerca de meio ano, e, em pouco tempo, tinham-se tornado permanentes. Podiam ser mais intensas ou mais ligeiras, mas estavam sempre lá. Tenazes. Inquietantes. Já nem se lembrava de como era viver sem dores de cabeça.

Recusava-se a acreditar que era um sinal do avançar da idade. Afinal, faltavam alguns meses para fazer cinquenta anos. As funções que desempenhava atualmente não eram mais exigentes do que as de outrora. Portanto, só restavam duas explicações. Ou tinha um tumor cerebral, ou as dores de cabeça eram psicossomáticas. Custava-lhe acreditar que a primeira explicação fosse verdade, pois não notava outros sintomas. No entanto, se era ele que provocava a si próprio as dores de cabeça, qual seria o motivo por detrás disso? Estaria ele a tentar dizer algo a si próprio?

Como tantas vezes antes, desejou que Mina estivesse ao seu lado, porque ela teria uma resposta. Depois do que acontecera no verão anterior com Nathalie e Nova, tinham-se falado apenas algumas vezes; em parte, porque andavam ambos muito ocupados — Vincent a preparar o seu novo espetáculo e Mina a braços com outras investigações —, mas também porque ainda parecia impróprio encontrarem-se sem ser no contexto do trabalho na polícia. Quando se viam, Vincent ficava sempre com a sensação de que o encontro tinha sido muito breve. As dores de cabeça eram menos intensas quando estava com ela. E a sombra que o habitava retraía-se no seu interior.

A unidade de polícia de que ela fazia parte ganhara mais uma vez o voto de confiança dos seus superiores, pelo que Mina se via frequentemente sobrecarregada de trabalho. E, nas raras ocasiões em que arranjava um tempinho, vinha-se a constatar que Umberto, da ShowLife Productions, marcara uma digressão cujas datas coincidiam, com uma precisão quase sádica, com os dias de folga de Mina. Era como se os chefes dela e o agente dele conspirassem para os impedir de se verem.

Além disso, também havia aquilo: o enigma que guardava no seu escritório, sobre o qual nunca se atrevera a falar com ela. Isso não facilitava um encontro, e era até possível que fosse a causa das suas dores de cabeça. Era uma possibilidade que ainda não lhe ocorrera, mas até podia ser essa a razão. No outono, dedicara-lhe um grande número de horas de esforço mental, sem encontrar a solução. Sabia apenas que era melhor levar a sério a ameaça que representava.

A pessoa que lhe enviara a primeira mensagem, seis meses antes, mostrara-se bastante paciente. Vincent não queria incomodar Mina com os seus problemas. Tinha de resolver o enigma sozinho.

Ainda assim, depois de cada espetáculo, alimentava a esperança de que ela lá tivesse ido e estivesse à sua espera nos bastidores, como naquela primeira noite em Gävle. Mas ela nunca lá estava, claro. Mina tinha a sua vida, e ele a dele. No entanto, Vincent continuava a achar que se viam com muito pouca frequência.

Por outro lado, desde o final do verão que pudera passar muito mais tempo com a família. Fora obrigado a andar de muletas por causa do pé partido, o que o impedira de atuar durante uns meses, porque não podia subir ao palco sem ajuda. Por conseguinte, tivera a oportunidade de ficar em casa todas as noites e de estar presente durante o dia, tal como a sua mulher, Maria, sempre desejara. No entanto, poucos dias depois, tornou-se evidente que Maria desejava aquela situação muito menos do que ela pensava. Até os filhos começaram a olhar para ele com desconfiança, como se quisessem saber porque é que Vincent estava sempre em casa.

E a sombra no seu interior voltara a expandir-se.

E, por essa razão, todos lá em casa se deram por satisfeitos quando a nova digressão começou. Desde então, trabalhara sem parar, e não raras vezes dava dois espetáculos por dia. O segredo era manter-se ocupado e não pensar em coisas que não valia a pena remexer.

Olhou para o teto. Será que uma pessoa podia queimar os neurónios? Usar o cérebro ao ponto de o prejudicar? Era muito improvável. Mesmo assim, disse para consigo que deveria tirar isso a limpo, porque, ali onde estava deitado, no chão do Teatro Scala em Karlstad, tinha a sensação de que era exatamente isso que lhe estava a acontecer. Suspirou, fechou os olhos e acrescentou a dor de cabeça à longa lista de coisas que precisava de analisar com Mina.

Akai caminhava num passo decidido ao longo da plataforma do metro. Tinha aprendido há muito que, quando alguém se dá ares de que sabe o que está a fazer, ninguém lhe faz perguntas. O colete refletor amarelo também ajudava. Para as pessoas de semblante abatido que àquela hora da noite apanhavam o metro, o colete tornava-o paradoxalmente invisível. Convertia-o em mais um dos que ali trabalhavam. Ninguém para quem valia a pena olhar. De certo modo, era verdade que ele estava a trabalhar, mas não da forma que as pessoas poderiam supor.

Quando chegou ao fim da plataforma, empurrou uma pequena barreira, com cuidado para o seu rosto não ser apanhado pela câmara de videovigilância. Não passava de um técnico de manutenção a fazer o seu trabalho. Mas ficou contente por as câmaras não apanharem o chocalhar das latas de *spray* que trazia no saco.

Para lá da barreira, havia uma escada que descia da plataforma para o túnel da via-férrea. Ele não gostava de passar pelos túneis, era demasiado perigoso. Os novos comboios eram muito mais silenciosos do que os antigos, daí que, para os grafiteiros que continuavam a descer até aos carris, o risco de acidentes aumentasse.

Por outro lado, a sua forma de expressão artística tinha evoluído. Os *graffiti* pareciam-lhe ser uma cena de amadores. Trabalhava com cartazes *retro* e *stencils* dos anos noventa. É claro que tudo mudara depois de a identidade de Banksy, o seu deus particular, ter sido revelada. Mas Akai acreditava que tinha elevado a sua arte a uma contemporaneidade mais avançada, a um nível superior. As suas exposições na cidade velha de Estocolmo confirmavam-no. Era quase chocante o que as pessoas estavam dispostas a pagar pelo seu trabalho, sem sequer conhecerem a sua identidade. Akai era o seu nome artístico. Tal como Banksy, não tinha de todo a intenção de revelar o seu nome verdadeiro. Continuará a ser um mistério para o mundo da arte.

Avançando alguns metros no túnel, acendeu a lanterna que levava presa à cabeça. Havia espaço suficiente de um lado e do outro dos carris para os funcionários poderem deslocar-se em segurança. As instalações do pessoal ficavam logo ali à frente. A namorada de um amigo, uma técnica da MTR, a empresa do metropolitano, costumava passar ali muito tempo. Akai tinha prometido ao amigo que decoraria a sala dela como presente de aniversário. No dia seguinte, quando ela chegasse ao trabalho e se visse no meio de uma floresta em vez de estar confinada às habituais paredes de betão, teria uma agradável surpresa. Árvores e arbustos cobririam todas as superfícies, e, no meio de troncos e ramos, apareceriam famílias de duendes inspiradas nas ilustrações de John Bauer. Era de génio.

Passou por uma intervenção sua antiga nas paredes do túnel. No mural, estavam representadas pessoas que ele conhecia, mas haviam rabiscado «Sussi esteve aqui» na cara de um dos seus amigos. Vândalos de um raio!

A gravilha rangia sob os seus pés. A porta das instalações do pessoal perfilou-se a curta distância sob a luz da lanterna. Depois de contornar um monte de cascalho, parou. Tinha reparado numa coisa estranha. Virou-se para observar de novo o monte de cascalho. Era tão alto que quase lhe chegava às virilhas. O facto de o cascalho se acumular nos túneis nem era assim tão invulgar. Na verdade, já tinha visto de tudo ali em baixo. No entanto, aqui e além no monte de cascalho despontavam protuberâncias brancas. Faziam-lhe lembrar algo que tinha visto num filme, mas não conseguia identificar o que era. Afastou um pouco de cascalho e deu um passo atrás, ao perceber do que se tratava.

Eram ossos.

Um idiota qualquer deixara-os ali para pregar uma partida parva. Só podia ser essa a explicação. Mas a que animal poderiam pertencer aqueles ossos tão grandes? Ao puxar por um deles, perturbou todo o monte de gravilha. O topo desmoronou-se, expondo vários outros ossos. À luz da lanterna, um crânio dirigiu-lhe um sorriso macabro.

Era um crânio humano.

Akai não soube se gritou primeiro ou se desatou logo a correr, mas não tinha dúvidas de que fez as duas coisas.

FALTAM TREZE DIAS

Mina olhou fascinada para a sanduíche que tinha no prato à sua frente. Estava a fazer progressos. Ainda há pouco só conseguia comer um iogurte hermeticamente fechado ao pequeno-almoço. Mas eis que se preparava para comer uma sandes que teria sido exposta a tudo o que se pudesse imaginar. E no dia anterior apreciara bastante o jantar em casa de Niklas. Sim, houvera um momento de aflição quando o ex-marido se sentira desfalecer, mas Nathalie garantira-lhe que não era algo que acontecesse com frequência e, além disso, ele tinha recuperado depressa. Mina esperava que Niklas seguisse o seu conselho e marcasse uma consulta nessa mesma manhã.

Tinha voltado a partilhar uma refeição com a filha e o ex-marido. Realmente, a vida dá com cada volta. Estaria a mentir se dissesse que, para chegar ao momento presente, a viagem se fizera sem sobressaltos. A sua relação com Nathalie era uma espécie de dança: ora dava dois passos em frente, ora dava um passo atrás. Ainda assim, tinham chegado lentamente ao ponto em que se encontravam agora, um ponto em que os três podiam jantar juntos.

Deu uma dentada na sandes, saboreando a combinação da manteiga com o queijo e o pimento numa fatia de pão integral, sabendo que, em termos nutricionais, teria sido o mesmo que comer uma fatia de pão de ló. Enfim, era Natal.

Perguntou-se como iria Vincent comemorar. Com a família, claro, mas seria uma grande reunião familiar, com muitos parentes, ou algo mais íntimo, numa certa pacatez? Sentiu uma pontada interior e descartou a possibilidade de se tratar de ciúmes. Tinha saudades dele. Tinha falado poucas vezes, desde que ele salvara a vida de Nathalie, no verão anterior. E isso devia-se a uma série de razões. Por um lado, eram ambos pouco dados a conversa de circunstância. Por outro, Mina dedicara-se de corpo

e alma a construir, lentamente, mas com passos seguros, a frágil relação com a filha. A morte de Peder também tinha criado um vazio, uma distância imposta pela dor e o luto.

Ficava sempre com os olhos marejados de lágrimas quando se lembrava do colega.

E depois havia um pequeno pormenor: Mina não percebia ainda o que significavam um para o outro. Pensava em Vincent com mais frequência do que estava disposta a admitir. Mas ele tinha uma família e uma mulher tremendamente ciumenta. Mina não queria meter-se ao barulho.

E, por essa razão, atirou-se com unhas e dentes ao trabalho e usou isso como desculpa para não o ver.

Como não queria ficar a matutar naquilo, concentrou-se no programa de televisão matinal. O cantor Niklas Strömstedt acabara de entrar em estúdio e preparava-se para interpretar a canção *Tänd ett ljus*. Se não estava em erro, a banda Triad é que tinha gravado a versão original. Fez um esforço para se lembrar dos nomes dos outros dois elementos da banda, mas só lhe vinham à cabeça as imagens de Orup e Anders Glenmark, que, juntamente com Niklas Strömstedt, tinham formado a banda GES. Ouviram-se os primeiros acordes da música e surgiu o obrigatório cenário iluminado pela luz de velas. Um pouco em contracorrente, Mina sentiu-se imbuída do espírito natalício. A verdade é que Mina odiava o Natal. As festas da sua infância tinham sido tudo menos aprazíveis. Mais tarde, fora viver com a avó, e então reinou uma certa tranquilidade, apesar de as celebrações se pautarem pela simplicidade.

Levantou-se e foi buscar mais café. Quando voltou a sentar-se, olhou para o telemóvel pousado sobre a mesa de café. Talvez devesse enviar uma mensagem a Vincent para lhe desejar um feliz Natal, pelo menos isso. Mas como interpretaria ele essa mensagem? Diga-se, contudo, que um simples voto de boas festas não dava azo a grandes interpretações. Desejos de feliz Natal — não passavam das amáveis palavras da praxe trocadas entre amigos.

Estendeu a mão, pegou no telemóvel e pôs-se a escrever. Apagou o que tinha escrito e começou de novo. Voltou a apagar tudo e lançou-se noutra tentativa. Acrescentou um *emoji* sorridente, mas rapidamente mudou de

ideias. Eliminou o *emoji*, ficando apenas as felicitações. Finalmente, carregou no botão de enviar.

Mal Niklas Strömstedt acabara de cantar, já Mina se tinha arrependido de ter enviado a mensagem.

Nevava há mais de uma semana. O jardim à volta da casa de Vincent em Tyresö parecia estar coberto por uma espessa camada de algodão. Em criança, adorava a neve, mas com o passar dos anos foi perdendo esse fascínio. Talvez tivesse alguma coisa que ver com a pá que empunhava. A diversão vai-se toda quando uma pessoa tem de meter mãos ao trabalho para a limpar. Além disso, ainda estava dorido e a sentir um certo desconforto por ter passado a noite no autocarro da digressão, no regresso do Teatro Scala, em Karlstad. Só adormeceu às quatro da manhã, quando o autocarro chegou a Estocolmo e estacionou em Barnhusbron, ao lado dos outros autocarros de turismo que haviam chegado à cidade durante a noite. Aí conseguiu dormir umas três horas, aproveitando o facto de o autocarro estar estacionado, antes de apanhar um táxi para casa, podre de sono.

Olhou pela janela da cozinha, para onde a família tomava o pequeno-almoço. Tinha prometido limpar a neve do caminho de acesso antes de Aston e Rebecka irem para a escola. Cravou a pá na neve, levantou-a tão carregada quanto lhe foi possível e despejou o seu conteúdo onde devia estar a relva, debaixo daquele manto branco. Surgiu à sua frente um pequeno retângulo livre de neve, onde o caminho de gravilha desembocava na estrada. Já era alguma coisa, mas também pôde constatar que só então começara, e tinha muito trabalho pela frente.

Esticou-se para trás e levou a mão às costas. À sua frente, formou-se uma nuvem branca ao exalar. Estava um frio de rachar. Raramente nevava antes de janeiro, se é que tinha nevado sequer nos tempos mais próximos. A sua casa ficava bastante a sul, e nessa região o que mais havia era a queda de granizo. Contudo, de acordo com as previsões meteorológicas, o inverno prometia ser um dos mais frios e com mais neve dos últimos anos. A neve ali no jardim chegava praticamente aos vinte centímetros,

e ainda só estavam a meio de dezembro. Diante dos seus olhos, o retângulo que acabara de limpar voltava a ficar coberto da neve acabada de cair.

Sísifo.

Sentia-se como Sísifo.

Com um suspiro, regressou à porta da frente e encostou a pá à parede. Os filhos teriam de abrir um caminho na neve para chegarem à estrada. A porta abriu-se no instante em que ia agarrar no puxador; Aston saiu disparado em direção ao jardim, envergando uma parca de inverno.

— Nevou ainda mais! — gritou. — Adoro a neve!

Lançou-se ao chão e pôs-se a agitar os braços, pretendendo enfeitar-se com as típicas asas de anjo. Por sinal, o frio parecia não o incomodar.

— Papá, podemos construir uma casa de neve hoje à tarde? Um iglu? Por favor, por favor, por favor, por favor!

Vincent revisitou na sua memória as casas de neve em que costumava brincar quando era criança. Ou melhor, *junto às quais* costumava brincar, uma vez que, regra geral, se resumiam a uma passagem estreita através de um monte de neve revolvida no quintal. Estremeceu. Não gostava de túneis estreitos, embora percebesse a sua atração. Havia algo de excitante na possibilidade de construir assim um mundo próprio. Claro que, bem vistas as coisas, todos estavam a construir o seu próprio mundo, mesmo que apenas na imaginação, porque a realidade de cada um era diferente da dos restantes. E, no entanto...

— Pai? — chamou Aston, que se fora pôr à sua frente. — Entrou-te neve no cérebro ou quê?

Vincent pestanejou. Acabara de abrir a boca para dizer que, para construir uma casinha, precisariam de muito mais neve quando Maria saiu.

— Aqui ninguém vai construir casas de neve — objetou ela com firmeza, cruzando os braços de seguida. — Podem ruir e são um perigo. E por que carga de água vieste desimpedir o caminho de acesso com luvas de pelica e um casaco *Hugo Boss*? Será possível que não tenhas roupas de inverno práticas, como as pessoas normais?

Claro que ela tinha razão. Em relação à roupa de inverno e à casa de neve. A razão assistia-lhe duplamente. No entanto, Vincent não tinha um casaco de penas, nem um daqueles gorros de malha com um grande pompom no topo que toda a gente usava agora. Além disso, havia maneiras

de construir casas de neve sem que elas se desmoroassem. Bastava pensar em hexágonos, como Buckminster Fuller tinha feito, ou colocar os blocos em arco para que o peso fosse distribuído por todos os elementos da construção. Se ao menos houvesse mais neve... Depois, reparou no olhar que Maria lhe lançava e pigarreou.

— A tua mãe tem razão — disse. — E para construir um iglu precisamos de gelo.

— Excelente! — exclamou Aston, deitando-se de novo na neve. — Podemos ir buscá-lo ao congelador.

— Bem, o congelador tem uma capacidade de duzentos e setenta e oito litros — contrapôs Vincent —, distribuídos por sete níveis. As dimensões exteriores de um iglu devem ser de uns...

E eis que ouviu a mulher aclarar a garganta atrás de si.

— O congelador é demasiado pequeno — apressou-se a acrescentar. — Já agora, onde está a tua mochila?

Maria soltou um suspiro e foi à procura da mochila. Aston levantou-se do chão e começou a fazer uma bola de neve, cujo destinatário era bastante óbvio.

— Espera. Vou buscar as chaves do carro para irmos andando — anunciou Vincent, virando-se rapidamente.

A bola bateu-lhe nas costas antes de ele atravessar a soleira da porta. Atrás de si, Aston ria-se alto.

Maria encontrava-se no vestíbulo a preparar uma muda de roupa para o filho.

— A propósito — disse Vincent —, tenho tentado contactar a tua irmã para chegarmos a um acordo sobre o que fazer com os miúdos no Natal, mas parece que tem o telefone desligado. E, pelos vistos, há dias que está assim. Sabes se foi de viagem ou algo do género?

Maria enfiou um par de *boxers* no fundo da mochila.

— Há séculos que não falo com a Ulrika — respondeu Maria secamente. — Tu é que devias preocupar-te com o paradeiro da tua ex-mulher.

— É o que estou a tentar fazer — retorquiu Vincent. — Só acho estranho ela não atender o telefone. — Entrou na cozinha para ir buscar as chaves do carro, enquanto voltava a telefonar a Ulrika.

Não obteve resposta, como das outras vezes.

Escreveu-lhe uma mensagem a pedir que lhe devolvesse a chamada logo que pudesse. Afinal de contas, faltavam poucos dias para o Natal.

E então viu a mensagem de Mina. Um brevíssimo «Boas Festas». Vincent não sabia o que responder. A frase era uma espécie de desafio, como se Mina estivesse a exigir-lhe que se definisse. A relação deles estava num ponto de equilíbrio e, a qualquer momento, podia pender para um lado ou para o outro. Se ele respondesse com a mesma brevidade, isso confirmaria que, a partir desse momento, a relação deles cairia numa cortesia superficial. Se, por outro lado, respondesse num tom mais pessoal, mostrar-lhe-ia de uma vez por todas que queria ser mais do que um mero colaborador em questões de trabalho. E, se o fizesse, abriria uma caixa de Pandora de perguntas sobre o que ele pretendia ser.

Boas Festas.

Grande merda.

Após um momento de hesitação, desligou o telemóvel e guardou-o no bolso. Responderia mais tarde, quando tivesse tempo para pensar.

— Pai, vens ou não? — gritou-lhe Aston da porta. — Estou atrasado!

— Já vou!

Durante meio segundo, pensou em telefonar para o trabalho de Ulrika, para lhe perguntar se estava doente; mas, se o fizesse, Maria iria provavelmente queixar-se de que ele se preocupava demasiado com a irmã dela. Era melhor esperar que Ulrika devolvesse a chamada quando pudesse.

Pegou nas chaves do carro que estavam em cima da bancada da cozinha; porém, antes de sair, passou pelo escritório, a fim de verificar se a porta ficara bem fechada. Há alguns meses que tinha criado o hábito de trancar a porta do escritório, pensando na sua família. Se eles vissem o que ele guardava lá dentro, não só lhe fariam perguntas difíceis, como, sobretudo, ficariam assustados. Ficariam quase tão assustados como ele.

— Têm a certeza de que são ossadas humanas?

Mina fez um esforço para respirar fundo, devagar. Poucos ambientes eram tão desagradáveis como aquele em que se encontrava naquele momento: os túneis escuros e imundos que constituíam a rede de metro de Estocolmo. Além disso, estava um frio de rachar. Em circunstâncias normais, até gostava do frio, mas com conta, peso e medida. Viu o bafo que exalou transformar-se rapidamente num sopro branco, e teve de esfregar os braços para recuperar algum calor corporal.

— Sim, os técnicos deram-me a certeza. E há que ter em conta que um deles é arqueólogo — disse Adam, reprimindo um bocejo. — Um especialista em ossadas. Lá saberá do que está a falar. Caso contrário, não teríamos de vir aqui às oito da manhã. A esta hora, por norma, ainda não me sinto completamente acordado.

Pelo tom de voz, Mina percebeu que Adam também não era indiferente ao ambiente claustrofóbico dos túneis.

— De certeza que os comboios desta linha não estão a circular? — perguntou ela, colocando cautelosamente um pé à frente do outro, à luz da lanterna.

Ao ver algo escorrer à sua frente, não conseguiu reprimir um grito.

Depois, cerrou os dentes e fez um esforço para continuar, apesar de o seu coração bater tão forte que parecia saltar-lhe do peito. Um pouco mais adiante, havia mais luz e pessoas em movimento. Isso ajudou-a a esquecer os horrores que podiam estar à espreita na escuridão e a concentrar-se no trabalho que tinha pela frente.

— Bom dia, Mina. Bom dia, Adam — cumprimentou-os o chefe da equipa forense —, embora o dia não esteja propriamente bom...

O homem apontou para o local onde se encontrava o monte de gravilha, a maior parte da qual já tinha sido removida pelos técnicos. Tudo o que restava agora era um conjunto de ossos bem ordenado.

— São ossadas humanas, não há dúvida. Limitámo-nos a fazer uma inspeção visual rápida, mas diria que pertencem ao mesmo corpo, embora só tenhamos a certeza quando forem colocadas na mesa do médico-legista.

Mina contemplava o conjunto de ossos e ia esfregando os braços para combater o frio. Quase pareciam um altar: bem ordenados, simetricamente dispostos, com o crânio no topo. De certa forma, era como se fossem o produto de um ritual, mas Mina teve o cuidado de não se deixar levar por essa sensação. Era arriscado começar a fazer suposições numa fase tão precoce da investigação. De facto, achou um pouco estranho que o caso tivesse sido atribuído à sua equipa. Ossadas antigas não eram propriamente o forte de nenhum deles. Mas presumiu que as circunstâncias em que haviam sido descobertas as tornavam algo invulgares.

— Encontraram alguma coisa que as identifique? — perguntou, afastando-se ligeiramente para deixar que Adam se pusesse ao seu lado.

Tinham de ser cuidadosos para não contaminarem a cena do crime. Mesmo sabendo que não devia fazê-lo, Mina não resistiu ao impulso de olhar em volta. Os holofotes iluminavam grande parte do espaço, e o pânico apoderou-se dela novamente. Havia sujidade por todo o lado e, na escuridão, conseguia pressentir vultos a mexer-se. Ratazanas, seguramente; só de pensar nisso, toda ela estremeceu.

Não era a primeira vez que descia àqueles túneis. Nos seus tempos de polícia novata, tivera de descer várias vezes até ali em perseguição de algum meliante. Ela sabia que havia pessoas a viver ali em baixo. Na penumbra, longe do mundo, escondidas da realidade. Nem conseguia imaginar como seria viver assim.

O técnico falava com ela, e ela obrigou-se a prestar-lhe atenção para não pensar nas criaturas que se moviam na escuridão, onde a luz dos projetores não chegava.

— Não encontrámos nenhuma pista inequívoca. Nem roupa, nem documentação. Alguns dos restos mortais podem conter ADN do possível autor do crime. Estamos a reunir tudo num grande círculo em volta das ossadas para análise. No entanto, acho que, se encontrarmos alguma coisa, será do grafiteiro que deu o alerta. Pelo menos o crânio ainda tem os dentes, o que pode facilitar a identificação. Além disso, um dos fêmures

tem uma fratura severa, está partido em vários sítios, mas a fratura já tinha sarado antes da morte.

— Fémur fraturado... — repetiu Mina, pensativa. — Há quanto tempo acha que ele estava aqui?

— É difícil dizer. Só a Milda o dirá com maior segurança, mas arriscaria que está aqui há alguns meses. Os ossos não parecem frescos, mas é só a minha opinião. A Milda esclarecer-nos-á — comentou o técnico.

Mina olhou para Adam, para ver se ele havia estabelecido a mesma ligação. O colega franziu o sobrolho, a contemplar o conjunto das ossadas. De repente, os seus olhos iluminaram-se e virou-se para ela.

— Achas que é...?

— Sim, acho... — respondeu Mina. — Vou já entrar em contacto com a Julia.

Ficaram a olhar em silêncio para o macabro conjunto de ossadas. Se fossem os restos mortais da pessoa que julgavam, aconteceria uma tempestade mediática. E teriam de considerar uma nova série de perguntas.

Ruben acordou encharcado em suor. Tinha visto em sonhos o rosto de Peder em frente ao seu. Acontecia-lhe com frequência. O seu antigo colega apresentava uma coloração cinzenta e tinha perdido grande parte da metade posterior do crânio, mas isso nem era o pior do pesadelo. O mais terrível era o seu olhar, o facto de o perscrutar como se estivesse a questioná-lo, como se o olhasse por dentro. Foi isso que o acordou. Nem era preciso Peder dizer alguma coisa para Ruben saber qual seria a mensagem.

«Pode acabar a qualquer momento.»

Era esse o ensinamento que Peder lhe havia legado. A vida oferecia-lhe dois caminhos, e ambos eram aterradores. Por um lado, podia acabar antes de Ruben estar preparado. Por outro, se tardasse a acabar, Ruben estaria a caminhar para velho. E era isso o que acontecia a cada dia que passava. Respirou fundo e passou a mão pela cara. Envelhecer era uma merda. Quase pior do que o outro caminho.

Alguém se mexeu no escuro e os lençóis farfalharam ao seu lado. Oh, bolas, ela ainda ali estava. Era esse o problema de levar uma mulher jovem para casa. As que tinham mais de trinta anos pelo menos percebiam que era melhor para ambos acordarem cada um em sua casa e seguirem em frente. As jovens, por outro lado, não sendo tão experientes, insistiam em achar que era boa ideia ficarem na cama e abraçarem-se logo de manhã. Alimentavam ideias românticas sobre a partilha do pequeno-almoço e outros disparates. Na realidade, nunca era boa ideia voltarem a ver-se à luz do dia.

Sobretudo quando essa luz podia revelar a idade de Ruben.

Olhou para o ecrã do telemóvel para ver as horas e praguejou baixinho. Não se lembrava como, mas tinha desligado o alarme na noite anterior. Já estava atrasado para entrar na sede da polícia. Julia tinha-lhe

ligado por algo relacionado com uma descoberta feita a meio da noite. Enquanto ele arrastava a asa em frente ao bar Riche, algo tinha acontecido nas profundezas do metro. Perfeito. Por enquanto, os outros podiam tratar do assunto.

De repente, sentiu uma câibra na barriga da perna esquerda e teve de morder o lábio para não gritar de dor. Esticou a perna e massajou-a, com cuidado para não acordar a mulher que dormia ao seu lado. Tocou no músculo. Estava duro como uma pedra. Há algum tempo que sofria de câibras. Se bebesse pouca água durante a noite, na manhã seguinte tinha câibras devido à desidratação. Por outro lado, se bebesse água suficiente, teria de se levantar duas ou três vezes para urinar, como um velho.

Estava feito um velhadas.

O mais provável era que a sua filha Astrid ficasse órfã de pai antes de chegar à adolescência.

Deixou escapar um suspiro. Era patético, e ele sabia-o, não só por se recusar a envelhecer, mas também por ter voltado aos velhos hábitos predatórios nas relações que tinha com o sexo oposto. Pela expressão de Amanda, a sua psicóloga, pareceu-lhe que ela lhe queria dar uma bofetada quando lhe contou aquilo. Mas que outra solução lhe restava? Amanda ainda era jovem e não conseguia compreendê-lo.

Estendeu a mão para a mesa de cabeceira e apanhou dois dos comprimidos que encontrou. Era um suplemento dietético que descobrira na Internet que supostamente o ajudaria a aumentar a potência sexual e a manter a produção de testosterona. O mais certo era ser uma fraude, mas encomendara comprimidos para um ano, não fosse dar-se o caso de servirem mesmo para alguma coisa. Seiscentas coroas por mês. Engoliu os comprimidos e levantou os lençóis para observar a pessoa ao seu lado. Conhecera-a em Stureplan, à porta do local que tinha voltado a frequentar recentemente. Preparava-se para voltar para casa, depois de uma noite que se revelara um fiasco, quando a encontrara a fumar à porta do bar. Aproximara-se dela e perguntara-lhe se gostava de homens de farda; ao contrário do que tinha acontecido no bar, a estratégia acabara por funcionar, por muito tacanha que fosse.

Pôs-lhe a mão na anca e sentiu o calor da sua pele. Podia jurar que o nome dela era Emmy. Ou talvez Emily. Algo terminado em «y».

Continuou a acariciá-la, até que a mulher se chegou a ele, sonolenta. Julia teria de esperar, e Amanda poderia dizer o que quisesse. A vida era demasiado curta. E, como Peder lhe recordava todas as noites, podia acabar a qualquer momento.

Vincent estava no escritório. Nos últimos anos, a estante de livros que tinha atrás de si fora transformada numa espécie de expositor. Desde que o envolvimento do mestre mentalista na resolução do mistério de Jane tinha vindo a público, dois anos e meio antes, os fãs mais entusiastas não paravam de lhe enviar quebra-cabeças, enigmas e charadas no intuito de o porem à prova. Diriam que apreciava sobretudo os quebra-cabeças, que constituíam para ele a maior diversão do mundo. Contudo, os fãs, na sua maioria, desconheciam que nessa ocasião ele quase tinha morrido.

Por outro lado, essas pessoas não estavam completamente enganadas. Era verdade que apreciava os enigmas que lhe eram enviados, quando tinha oportunidade de lhes dedicar algum tempo. Muitos eram bastante simples. Uma das variantes mais recorrentes era a carta cortada em pedaços, mas recebera outras muito mais complicadas. Um remetente anónimo enviava-lhe os quebra-cabeças mais complexos de que tinha memória. Não eram da sua autoria e pareciam vir dos locais mais remotos do mundo. Era evidente que aquele admirador desconhecido estava familiarizado com o género. Vincent sabia que se tratava sempre da mesma pessoa, pelas mensagens escritas à mão que acompanhavam as encomendas despachadas pelo correio, elas próprias frequentemente autênticos enigmas.

Desta vez, porém, um enigma diferente reclamava a sua atenção. Afixara-o na parede por cima da secretária. Era o mesmo tipo de mapa mental que Mina havia feito no apartamento dela, quando trabalharam juntos na sua primeira investigação: um conjunto de pistas que, se tivesse sorte, poderia explicar uma situação ou revelar padrões escondidos. No entanto, o mural de Vincent não era composto por fotografias e anotações, mas por objetos físicos dispostos numa linha cronológica, tendo sido cada objeto etiquetado com um *post-it*.

Era essa a razão pela qual não permitia que ninguém da família entrasse no escritório. Seria deveras lastimável se começassem a duvidar da sua sanidade e, muito pior, se descobrissem o significado da linha cronológica. Para Vincent, a parede falava claramente. Alguém queria fazer-lhe mal.

Não gostaria de pensar nessa pessoa como sua inimiga. Deveria considerá-la sua némesis? Não, de todo. A sua sombra, talvez? Sim, porque não? Afinal, de cada vez que recebia uma nova remessa pelo correio, a sombra dentro de si ganhava uma nova vida. Era como se já não vivesse apenas dentro dele, manifestando-se no exterior, no mundo real, para o aterrorizar. Além do mais, uma sombra tem a forma da pessoa que a projeta, embora distorcida. E o remetente dos objetos na parede, fosse ele quem fosse, parecia conhecer exatamente os seus padrões mentais, como se se tratasse de uma versão de si próprio saída de um pesadelo. Sim, poderia chamá-lo «a Sombra».

Na ponta esquerda da linha cronológica estava o velho recorte plastificado do *Hallandsposten*, com a fotografia de Vincent em criança e, ao fundo, a caixa dentro da qual a sua mãe havia morrido.

«MAGIA ACABA EM TRAGÉDIA.»

Tinha perdido a conta ao número de vezes que lera aquele título.

Há dois anos e meio, alguém enviara aquele artigo a Ruben e, em resultado disso, Vincent convertera-se no principal suspeito do homicídio de Tuva, Agnes e Bobban. Na verdade, a autora dos crimes tinha sido Jane, a sua irmã desaparecida. De início, presumira que Jane também devia ser a remetente do recorte de jornal, já que fazia parte do plano dela implicar Vincent como o culpado dos homicídios. Mas não tinha sido ela a enviar o recorte. De qualquer forma, o artigo trouxera mais uma vez a lume o passado de Vincent, um passado que, durante muito tempo, ele não ousara sequer trazer à memória. A polícia tivera de fazer uso de toda a sua influência para evitar que tais informações chegassem ao conhecimento do público.

Por baixo desse artigo, colados com fita-cola, colocara os quebra-cabeças do jogo de Tetris que começara a receber pouco depois da morte da irmã. Cada um deles consistia em diferentes anagramas da manchete e, todos juntos, formavam de uma maneira particularmente intrincada

a palavra «CULPADO». De início, pensou que eram obra de Nova, com a intenção de o distrair dos acontecimentos no Epicura. Nova era a mulher que estava na base dos seus ensinamentos sobre a sua experiência com a dor crónica, e fora ela que quase causara a morte de Nathalie. Mas depois de a questionar diretamente, pouco antes de ela morrer, para Vincent ficou claro que o remetente deveria ser a mesma pessoa que havia enviado o recorte de jornal a Ruben.

A Sombra.

Ao lado dos quebra-cabeças resolvidos e colados com fita-cola, estava o postal de Natal que acompanhara o último quebra-cabeças, juntamente com uma mensagem perturbadora. Quatro meses se passaram desde que o havia recebido, e não tinha ainda conseguido resolver o enigma.

Parece que não aprendes. Cansei-me de esperar.

Não tens ninguém a quem culpar senão a ti próprio. Podias ter escolhido outro caminho, mas não o fizeste.

Então, chegámos ao teu ómega.

O princípio do teu fim.

P. S.: Se estás a perguntar-te o motivo pelo qual recebeste o quebra-cabeças agora, é porque o ómega, como tu sabes, é a vigésima quarta letra do alfabeto grego. E 24 dividido por 2, tu e eu, dá 12, o que fica 24/12, ou seja, véspera de Natal. Por isso, feliz Natal antecipado.

Assim que Vincent recebeu a mensagem sobre o seu ómega, o suposto fim, tentou de imediato descobrir qual deveria ser o seu alfa, o seu início. Se conseguisse determinar qual era o início, mais probabilidade teria de descobrir qual era o fim. E, desse modo, poderia proteger-se.

Não demorou muito a encontrar o que procurava, uma vez mais, no velho recorte de jornal. Na sua fotografia. Com uma caneta, a Sombra havia contornado a caixa construída para o truque de magia, de modo que as linhas formassem a letra A. O símbolo de alfa.

Portanto, o que quer que estivesse a terminar tinha começado ali.

Na quinta de Kvibille.

Com a sua mãe.

Quando deixara de ser Vincent Boman e passara a ser Vincent Walder.

No entanto, em vez do fim que a mensagem prometia, começara a receber presentes pelo correio. Presentes de Natal, mesmo fora de época. O primeiro chegara no verão anterior, pouco depois de a investigação do caso Epicura ter sido dada como concluída. Dentro do pacote estava um *single* em vinil de uma banda chamada Renegades, que ele não conhecia, e cuja canção se intitulava *Alpha Omega*.

Colara a capa do disco na parede, à direita do recorte de jornal, com bolinhas de massa adesiva em cada canto. Por baixo, pusera uma nota com toda a informação que conseguira encontrar sobre o *single* — que, diga-se de passagem, não era muita. Ficara apenas a saber que a canção tinha sido lançada em 1987 pela Coolaid Records, num disco com uma etiqueta vermelha. Aparentemente, o grupo só tinha lançado aquela canção *rap*, cuja letra não lhe dizia nada. Posto isto, deixara ficar o *single* ali.

No mês seguinte, em setembro, recebeu mais discos de vinil como presente de Natal. Desta feita, o álbum *Alpha & Omega* dos Led Zeppelin, que revelou ser uma raridade, uma gravação pirata de uma atuação ao vivo, distribuída por quatro LP, praticamente impossíveis de obter. Vincent tinha guardado os discos e colocara as capas na parede, fazendo uso da massa adesiva.

À parte o título, o álbum tinha outra característica em comum com o disco anterior: também tinha sido lançado em 1987.

Vincent sabia muito bem o que esses números significavam. A sua irmã Jane lembrara-lho quando chamara a sua atenção para a página 873 de um livro, referindo-se às três horas em ponto do dia 8 de julho. Foi o último verão da sua mãe, quando ele tinha sete anos e fazia truques de magia com um lençol no pátio da quinta.

O número 87 assinalava o dia 8 de julho: o aniversário da mãe.

Na quinta de Kville.

Mais uma vez.

À direita das capas dos discos, estava o presente que tinha recebido em outubro. Nessa ocasião, encontrara um carro de brincar dentro do pacote, mais precisamente um *Opel Omega* da polícia militar alemã. Desta vez, não vinha nenhuma referência ao alfa. Mas o modelo do *Opel Omega* tinha sido lançado em 1987 e o carro de brincar estava feito à escala 1:87.

A mãe dele.

A caixa.

O truque de magia.

CULPADO.

Em novembro, a pessoa que lhe tinha enviado os presentes renunciara à ligação entre alfa e ómega, para evitar algo quase demasiado óbvio. Vincent recebera um *kit* de magia em segunda mão: o *Grande Kit de Houdini para Ilusionistas Principiantes*. Vincent nem precisou de procurar informações na Internet, porque o presente falava por si.

Harry Houdini tinha sido o rei do escapismo, cuja proeza mais célebre envolvia um tanque de água semelhante ao tanque onde Vincent e Mina quase se haviam afogado na quinta das martas de Jane e Kenneth. A referência a Houdini era obviamente uma alusão à sua mãe e à caixa da qual ela não conseguira escapar. Nem teve de virar o pacote para ler o verso para adivinhar o que iria encontrar no texto informativo. Não foi surpresa nenhuma quando constatou que o *kit* de magia com o nome de Houdini tinha sido fabricado em 1987.

Desde então, deixara de receber presentes, e nem desejava recebê-los, pois a Sombra escrevera-lhe seis meses antes a anunciar o que estava para vir.

Ómega... Vigésima quarta letra do alfabeto grego... 24 dividido por 2, tu e eu, dá 12... 24/12... Véspera de Natal... Feliz Natal antecipado.

Tu e eu.

Véspera de Natal.

Corria o dia 18 de dezembro. Faltavam apenas seis dias para a véspera de Natal. Fosse o que fosse que o misterioso remetente pretendesse, teria início nessa altura. O seu ómega. E Vincent ainda não sabia o que isso significava.

Olhou novamente para os presentes alinhados na parede.

Coolaid Records. A especialista em seitas que ele e Mina tinham consultado mencionara que os membros do grupo de Jonestown haviam cometido suicídio com a mistura refrigerante *Kool-Aid* envenenada. Algo semelhante fora feito pelos seguidores de Nova no liceu Östra Real.

Uma gravação pirata de uma atuação ao vivo, que, à partida, era praticamente impossível de obter. Essa pessoa devia saber que ele colecionava

discos de vinil, mesmo que o tipo de música que lhe enviara não correspondesse às suas preferências.

Um carro-patrolha. Só podia ser uma referência a Mina.

Um kit de magia para crianças. A Sombra devia saber que, em criança, ele queria ser ilusionista e, em adulto, quase se afogara num tanque de água como o de Houdini, juntamente com Mina.

A ligação era óbvia. Quem quer que estivesse por detrás de tudo não só conhecia muito bem o passado de Vincent, como tinha informações detalhadas sobre a sua colaboração com a polícia.

Tinha de contar aquilo tudo a Mina. Devia tê-lo feito há muito tempo, mas algo o impedira de fazê-lo quando recebera a primeira mensagem com as peças do quebra-cabeças, seis meses antes. Uma voz dentro de si sussurrava-lhe que talvez merecesse o que estava para vir, que a Sombra tinha razão e ele era de alguma forma culpado, apesar de tudo.

A questão que se colocava era: culpado de quê?

— Como é que correu lá nos túneis do metro?

O tom compassivo de Loke, o assistente de Milda, começou por irritá-la um pouco, mas ela acabou por encolher os ombros. Mina tinha de aceitar que as suas... peculiaridades eram um tema recorrente de conversa.

— Consigo superar o medo quando estou a trabalhar — respondeu secamente.

Loke deu mostras de perceber de imediato o que ela queria dizer.

— Acontece mais ou menos o mesmo connosco — observou. — Estabelecemos uma certa distância, não ao ponto de nos esquecermos de que temos um ser humano deitado sobre a mesa, mas o suficiente para realizarmos a nossa tarefa sem deixar que as emoções nos dominem.

— Exato — respondeu Mina, sorrindo para ele.

Foi a conversa mais longa que ela alguma vez tivera com o reservado assistente de Milda.

— Ela deve estar a chegar. Ouvei dizer que estava ao telefone com o ex-marido — desculpou-se Loke em nome da sua chefe, enquanto colocava cuidadosamente uma série de instrumentos num tabuleiro de metal esterilizado.

— Não tenho pressa. Posso esperar — replicou Mina, observando fascinada os dedos longos e ossudos de Loke, enquanto este arrumava os utensílios no tabuleiro com uma precisão militar.

O silêncio reverberava na sala de paredes brancas, e Mina sentiu a necessidade de o quebrar.

— Diz-me, quais são as tuas perspetivas de emprego? Talvez chegar a médico forense?

Assim que o disse, amaldiçoou-se interiormente. Parecia uma orientadora vocacional a falar com um adolescente mal-humorado.

Um sorriso fugaz iluminou o rosto de Loke, e este pousou suavemente um bisturi no tabuleiro.

— Talvez seja isso o que se espera de mim — respondeu.

Mina ficou a admirar o jovem, enquanto este pousava um instrumento atrás do outro no tabuleiro de metal sem fazer barulho.

— Mas há um grande obstáculo ao brilhante futuro profissional que muitos preveem para mim. Sinto-me completamente satisfeito na situação atual — acrescentou Loke, encolhendo os ombros.

Mina observou-o com mais interesse ainda. *Satisfeito*. Não era uma palavra que ouvisse com frequência.

— Estou bem assim — prosseguiu. — Assumir qualquer mudança seria perturbar o equilíbrio de uma equação que funciona bem. Gosto do meu trabalho e não preciso de mais prestígio nem de melhor salário. Talvez tenha ouvido comentar, recebi uma herança que me deixou bastante bem na vida. Sou um assistente de médico-legista rico. Calculo que a ideia possa ser um pouco chocante, daí os mexericos. Mas tenho tudo o que quero na vida. Poucas pessoas o conseguem, por isso considero-o uma dádiva e dou-lhe valor. Estou satisfeito, e a ambição só iria perturbar esse equilíbrio.

Mina não respondeu. Estava a tentar assimilar o que tinha acabado de ouvir, e o facto de Loke ter trocado com ela várias frases seguidas. A solenidade das suas palavras era um tanto cómica; porém, contavam-se entre as mais sensatas que ela tinha ouvido em muito tempo. De facto, tinham-na forçado a perguntar-se quão satisfeita estava com a sua vida e as circunstâncias atuais.

— Estes ossos são fantásticos — comentou Loke de repente, olhando com admiração para o esqueleto que tinha diante de si.

Mina tentava ainda, sem sucesso, encontrar algo adequado para responder, pelo que Loke continuou a falar:

— Veja. Estão absolutamente limpos, sem o mais pequeno resíduo biológico. Toda a carne desapareceu. É muito invulgar. Diria até que é muito estranho, porque...

— Olá! Desculpem o atraso. Houve... bem, um pequeno problema que era preciso resolver. Mas aqui estou eu. É verdade que já tens uma teoria sobre a identidade do cadáver do metro? Trabalhas depressa!

Milda tomou o lugar de Loke junto ao tabuleiro de instrumentos, enquanto o assistente se afastava discretamente.

Mina acenou com a cabeça e apontou para um dos ossos dispostos sobre a mesa de metal à frente deles.

— É por causa disso. A fratura do fémur. Uma pessoa conhecida está desaparecida há quatro meses: Jon Langseth. Sabemos que fraturou o fémur há dois anos, num acidente sofrido enquanto escalava o Evereste.

— Hum... sim, lembro-me disso. Um caso polémico, porque um xerpa morreu durante as operações de resgate, não foi?

— Sim, é verdade. E, depois do seu desaparecimento, a imprensa voltou a falar do assunto. Por isso, quando reparei que o fémur estava fraturado, lembrei-me logo do Langseth. Posso estar enganada. Muitas pessoas partem um osso em algum momento das suas vidas. Mas vale a pena começar por aí, não achas?

Milda acenou com a cabeça.

— Tens razão. Vou contactar o odontologista forense, pedir-lhe que venha tirar fotografias dos dentes e confirmar se há correspondência com o histórico dentário do Langseth. Entretanto, vou examinar as ossadas para ver se encontro mais alguma coisa.

— Ótimo. Sabes onde me encontrar.

— Ou também podes voltar a visitar-nos — retrucou Milda, com um riso que não chegou a iluminar-lhe os olhos.

Parecia cansada. Mina preparava-se para lhe perguntar se estava tudo bem, mas conteve-se. Os assuntos privados perturbavam-na. Antes de fechar a porta, viu Milda apoiar-se pesadamente na mesa de autópsias durante uns segundos; depois, esta recompôs-se e virou-se para pegar num par de luvas de látex.

Sara Temeric ergueu os olhos do computador. Diante de si, estava Teresa, sua colega na Divisão Operacional Nacional (DON). Sara acolhera-a como sua subordinada ainda antes de ter partido para os Estados Unidos e, desde então, haviam-lhe sido atribuídas responsabilidades diferentes, mas Teresa continuava a ser a pessoa no departamento em quem ela depositava maior confiança.

— O que é que sabes sobre o nitrato de amónio? — perguntou-lhe Teresa, de chofre, dispensando os cumprimentos da praxe.

Sara pestanejou, surpreendida.

— Hum... é um tipo de sal — respondeu, esticando os braços. Sentia-os rígidos por escrever tanto ao computador. — Usa-se como fertilizante, pois contém muito azoto. A título de curiosidade, quando aquecido, pode produzir-se óxido nitroso, o tal «gás hilariante». Para ser utilizado como fertilizante, é normalmente misturado com outras substâncias, porque no seu estado puro apresenta um risco de explosão bastante elevado.

Sara interrompeu-se ao compreender a razão da pergunta de Teresa. Já o devia ter percebido.

— Desculpa — acrescentou com um suspiro. — Estava aqui a pensar que o Zachary e a Leah deviam ir visitar uma típica quinta sueca este verão, enquanto ainda existem. Refiro-me às quintas, claro. Daí a associação com os fertilizantes. Mas tenho bem ciente de que neste departamento o nosso interesse não são os fertilizantes.

Fechou a tampa do portátil, apoiou os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos. O seu ex-marido, que era americano, costumava chamar àquela postura a sua «pose cativante». Opinava sobre tudo e mais alguma coisa; porém, não fora capaz de explicar a razão pela qual tinha decidido ficar nos Estados Unidos.

— O nitrato de amónio é, além do mais, a substância mais utilizada para fabricar bombas caseiras — prosseguiu. — Se for misturado com uma matéria inflamável, o risco de explosão aumenta, assim com a sua capacidade destrutiva. É também um oxidante, o que significa que, mesmo quando não explode, adiciona oxigénio a um incêndio, tornando-o mais violento e difícil de extinguir. Como material explosivo, o nitrato de amónio técnico, o ANPP e o N34 funcionam igualmente bem, apesar de serem fertilizantes. Era isto que querias saber?

— Dou-te vinte valores — respondeu Teresa com um sorriso. — Não admira que sejas tu a chefe.

— Porque é que perguntaste?

Teresa fechou a porta do escritório de Sara antes de responder.

— Temos recebido relatórios de vários grossistas de produtos agrícolas da região de Skåne — disse ela em voz baixa. — Pelos vistos, não foi por acaso que pensaste em fertilizantes. Registaram-se alguns roubos de nitrato de amónio. O produto total dos roubos ascende a dez toneladas, quantidade mais do que suficiente para despertar o interesse da DON. Lembras-te da enorme explosão ocorrida no ano de 2015, em Tianjin, na China? Foi causada por nitrato de amónio.

Sara recordava-se muito bem. Os noticiários tinham transmitido imagens da explosão, que continuavam a circular na Internet.

— Mas nessa ocasião explodiram cerca de oitocentas toneladas, não foi? — comentou. — Havíamos agora de ficar preocupados com dez?

— Exato, mas na China tratou-se de um acidente. O nitrato não tinha sido preparado para funcionar como um explosivo. E, mesmo assim, a explosão pôde ser observada do espaço.

Sara assobiou.

— Contaram-se cerca de mil vítimas, entre mortos e feridos, apesar de o desastre ter ocorrido numa zona pouco frequentada do porto — continuou Teresa. — Nem quero pensar no efeito que dez toneladas de nitrato de amónio preparado como explosivo poderiam ter numa zona densamente povoada. Numa cidade, por exemplo. Estou em crer que não ficaria muita coisa de pé.

— Não haverá outra razão para alguém ter roubado dez toneladas de nitrato de amónio? — questionou Sara. — Tem de ser forçosamente para fabricar uma bomba?

— Que outra razão te ocorre? Custa-me a acreditar que se trate apenas de um agricultor que quis abotoar-se com o nitrato por causa do preço dos fertilizantes.

Estava mais que visto que Teresa tinha razão. Sara franziu o sobrolho, com o olhar perdido. As ameaças de bomba não eram novidade. Registavam-se com regularidade nas grandes cidades da Suécia, e inclusive nalgumas mais pequenas. Na maioria, não passavam de uma forma de intimidação, não havendo nenhum propósito por trás.

O caso presente, porém, era diferente, sobretudo porque não fora feita qualquer ameaça. Se as suspeitas de Teresa tivessem fundamento, uma ou mais pessoas andariam ocupadas a fabricar uma grande bomba em segredo absoluto. E aí o caso ficava feio, porque significava que não estavam para brincadeiras.

— Bela prenda de Natal — comentou Sara. — Não foi nada disto que eu pedi no sapatinho. Mas as coisas são como são. Ora bem, como é que vamos de localizar essa bomba?

Como sempre, o ambiente tornava-se estranho quando se encontravam na sala de reuniões. Todos tinham a sensação de que faltava alguma coisa. Ou melhor, alguém. Ainda ninguém se sentara na cadeira de Peder. Deixavam-na sempre vaga, como uma lembrança constante do que tinham perdido.

Julia observou-os um a um, atentamente, à medida que iam entrando na sala. A todos, menos a Adam. Impusera que os membros da equipa, incluindo ela, frequentassem sessões de terapia após a morte de Peder, no verão anterior, mas não sabia se os havia ajudado de alguma maneira. A julgar pelos seus próprios sentimentos, tinha sido inútil. A dor ainda lhe pesava como uma pedra no estômago. Não tinha diminuído, não se tornara mais suportável.

E, enquanto líder da equipa, a responsabilidade recaía inevitavelmente sobre os seus ombros. Passara muitas noites sem dormir, revendo os acontecimentos passo a passo e tentando determinar o que poderia ter feito de diferente e como poderia ter evitado o que acontecera. Mas, por mais que pensasse no assunto, chegava sempre à conclusão de que não teria sido possível agir de outra forma, a não ser que tivesse a capacidade de prever o futuro. E a investigação interna da polícia chegara à mesma conclusão. Contudo, isso não mitigava o seu sofrimento. Pigarreou duas vezes, para chamar a atenção da equipa.

— Bem, já estamos todos — disse, aproximando-se do quadro. — Antes de mais, quero deixar claro que ainda não sabemos ao certo o que estamos a investigar. O mais provável é que estejamos perante um caso de profanação de cadáver, mas também não sabemos se se tratou de um homicídio. Pelo que, para já, vamos trabalhar sem ideias preconcebidas, de acordo?

Bosse foi sentar-se aos seus pés e olhou-a com uma expressão de súplica. Julia, com um breve sorriso, tirou do bolso um biscoito de cão

e ofereceu-lho. Tinham chegado a um acordo. Assim que lhe deu a guloseima, apontou para os pés de Christer, e o animal obedeceu imediatamente. Então, Julia mostrou uma expressão séria e apontou para o quadro, onde tinha colado uma fotografia, debaixo da qual escrevera um nome.

— Jon Langseth — disse. — Desapareceu sem deixar rasto no dia 10 de agosto, ou seja, há quatro meses e oito dias. Quarenta e um anos. Diretor-geral e acionista maioritário da sociedade de investimento Confido. Casado, três filhos. O seu desaparecimento foi amplamente noticiado pela imprensa e associado à investigação em curso sobre as alegadas atividades ilícitas da Confido; apontava-se a possibilidade de Jon ter fugido do país.

— Malditos especuladores — murmurou Christer, coçando *Bosse* atrás da orelha. — Só querem sacar às pessoas honestas o dinheiro das suas pensões.

— Guarda as tuas opiniões para ti, Christer — repreendeu-o Julia, cruzando os braços.

Continuava sem olhar para Adam. Estava convencida de que os seus olhos iriam denunciar que, há apenas duas horas, tinha tido o seu corpo nu em cima dela, e estivera dentro dela. Era como se a atração que sentia por ele e a culpa que a roía estivessem permanentemente escritas na sua cara em letras gigantes. Mas Adam tinha-lhe assegurado um rol de vezes que ela continuava a parecer tão séria e profissional como sempre. Talvez ele tivesse razão. A menos que fossem obrigados a estar na mesma sala que Vincent Walder, com o seu estranho talento para sondar as mentes dos outros, era provável que conseguissem manter o segredo.

— Mas Jon Langseth não fugiu para o estrangeiro — continuou Julia. — Conseguimos confirmar que as ossadas encontradas no túnel do metro são dele. Muito bem, Mina! As fraturas num dos fêmures correspondem exatamente às radiografias tiradas após o acidente que sofreu no Evereste. E a Milda confirmou que a dentição também corresponde exatamente às imagens fornecidas pelo dentista do Langseth.

— O Loke, o assistente da Milda, fez uma observação interessante quando eu estava na morgue — interveio Mina. — Disse que as ossadas se

apresentavam invulgarmente limpas. Poderá ter algo que ver com o local onde foram encontradas? Será possível que tenham sido roídas por ratazanas lá em baixo nos túneis?

— Nesse caso, deveria haver marcas de dentes nos ossos — respondeu Julia —, e não me constou nada disso.

— Como é que te atreveste a descer àqueles túneis tão sujos, Mina? — perguntou Ruben, rindo-se.

Apesar do olhar furioso de Mina, ele insistiu:

— Já agora, viste alguma ratazana? Dizem que são mais ou menos deste tamanho — acrescentou, com os dedos a percorrerem uma extensão de cerca de dez centímetros. — De uma ponta à outra!

— Ah, julguei que nos estavas a elucidar sobre o tamanho do teu pénis — respondeu Mina, enojada.

Christer teve um ataque de riso tão repentino que o café lhe saiu pelo nariz.

— Toma! — exclamou entre gargalhadas.

Julia deixou escapar um suspiro.

— Concentrem-se, por favor — repreendeu-os, olhando para Ruben e Mina. — Vocês os dois vão interrogar a mulher do Jon Langseth. Christer, procura nos arquivos alguma coisa que possa trazer alguma luz sobre este caso. Tu, Adam, fala com os teus colegas responsáveis pela investigação que impende sobre a Confido. E tu, Peder...

Interrompeu-se abruptamente. Meu Deus! O que é que ela fora dizer? As lágrimas assomaram-lhe aos olhos, e apressou-se a virar as costas ao grupo para que ninguém desse por isso, embora soubesse que era demasiado tarde. Um silêncio sombrio abateu-se sobre a sala. Julia engoliu em seco e voltou-se mais uma vez para a sua equipa, tentando não olhar para a cadeira vazia de Peder.

— Bem, vamos lá — disse por fim, com a voz rouca.

Depois de todos saírem da sala, aproximou-se lentamente da cadeira de Peder e pousou a mão no espaldar. Era como se o conseguisse ver, sempre a cair de sono pela exaustão constante de que padecia desde o nascimento das trigémeas. Mas também alegre e atento. Deixara um vazio impossível de preencher. No entanto, tinham de seguir em frente sem ele. O ritmo de trabalho era implacável.

Com um suspiro, Julia regressou ao seu gabinete. Tinha de preparar uma conferência de imprensa quanto antes. Os meios de comunicação social iriam lançar-se de cabeça sobre a história de Jon Langseth assim que a notícia viesse a lume, e ela tinha de manter o controlo. Tinha de afastar, por um momento que fosse, a recordação de Peder.

Corriam pelos túneis. A escuridão era absoluta, mas eles conheciam cada trecho do caminho como as palmas das suas mãos. Sabiam quando os comboios passavam e quão rápido teriam de se encostar à parede, trepar para um parapeito ou esconder-se num dos muitos cantos e recantos. Sabiam onde virar à direita ou à esquerda e como encontrar sempre o caminho de volta. Era como se estivessem em casa. Os túneis eram o seu reino.

Os passos que ouvia atrás de si aproximavam-se cada vez mais depressa, pelo que começou a acelerar o ritmo o mais que pôde. Os seus pés batiam com força no chão irregular, mas não demorou a sentir a respiração de outra pessoa no seu pescoço, e logo parou. Esperava com ânsia pelo que já sabia que iria acontecer. Ansiava por sentir uns braços firmes a rodeá-lo por trás e o toque da barba por fazer a arranhar-lhe as bochechas macias.

— Apanhei-te!

O pai lançou-lhe os braços em volta; já estava à espera. Estreitou-o com força contra o peito até sentir o cabedal macio do seu casaco. Cheirava a humidade, a tabaco e àquele aroma doce que pairava sempre como uma névoa sobre o seu acampamento. Cheirava a pai.

— Já chega de brincadeira. Vamos procurar comida — disse o pai, soltando-o. — Tenho a barriga a dar horas.

Assentiu, embora a contragosto.

Não gostava de subir à superfície. Havia demasiada luz, demasiado barulho, demasiadas imagens e sons e pessoas a observá-los.

Desejaria ter ficado no aconchego do submundo, onde se sentia seguro e amado.

Entre os seus.

Contudo, tinha a perfeita noção de que era necessário arranjar comida.

Lá em cima, logo após a hora do almoço, por norma, os contentores estavam cheios de restos comestíveis. O relógio que tinha recebido de

presente no seu último aniversário marcava quase duas horas. Tinham de apressar-se.

Deu a mão ao pai. Quando estavam juntos, o mundo exterior não lhe parecia tão horrível.

— Aquilo das ratazanas era a brincar. Sabes disso, certo?

Ruben agarrou-se com força ao puxador da porta quando Mina fez uma curva apertada. Ela ainda não lhe dirigira a palavra desde que tinham entrado no carro. Ruben reprimiu um suspiro, não fosse aborrecê-la ainda mais. Havia pessoas que não sabiam encaixar uma piada; Ruben esquecia-se sempre de que Mina era uma delas.

— Está ali um lugar.

Apontou para um lugar livre, e Mina deu uma guinada brusca para estacionar. A morada que lhes tinham passado ficava perto de Narvavägen. *Típico*, pensou Ruben com amargura. *Os tubarões da alta finança, com dinheiro sujo na carteira, só podiam viver mesmo em Östermalm.*

— Vais continuar a amuar ou podemos meter mãos ao trabalho? — perguntou ele ao saírem do carro da polícia.

Ele sabia que apelar ao sentido de dever de Mina resultava sempre. Dir-se-ia que o trabalho era a sua única preocupação. Ruben ainda se perguntava se ela teria dormido com Vincent, mas custava-lhe imaginar tal coisa. De facto, todas as suas tentativas de visualizar Mina em qualquer situação relacionada com sexo envolviam fatos de plástico apertados e luvas de látex.

— Não estou amuada — respondeu ela. — Só não me apetece falar. Posto isto, podes crer que vamos mesmo fazer o nosso trabalho.

Procurou o nome de Langseth quando chegaram à porta do edifício e tocou à campainha. Passados alguns segundos, a porta emitiu um zumbido e puderam entrar. Um painel à esquerda do luxuoso vestíbulo indicava que a família Langseth vivia na *penthouse*. Enfim, qual era a novidade?

— Foda-se! Imaginas-te a viver aqui? — comentou Ruben, incapaz de esconder a inveja ao deparar-se com a entrada do edifício, uma autêntica orgia de ouro e mármore.

— Não é o tipo de decoração que me agrade — respondeu Mina num tom incisivo, entrando de seguida no elevador.

Ruben fechou o gradeamento preto e carregou no botão. Lentamente, ao som de rangidos alarmantes, subiram ao sexto andar. Quando lá chegaram, encontraram a porta do apartamento aberta. Uma mulher loira, com o cabelo apanhado num rabo de cavalo, aguardava-os com um ar preocupado. Ao abrir o gradeamento do elevador, Ruben perguntou-se se teria de se esforçar muito para se meter na cama com ela.

— É por causa do Jon? — questionou a mulher, afastando-se da porta para os deixar passar.

O vestíbulo era igualmente impressionante e gigantesco. O reluzente soalho de *parquet* prolongava-se por um corredor que conduzia aos quartos. Do teto, pendia um lustre de cristal, que, só por si, seria maior do que a sala de estar de Ruben.

— Telefonaram-me a avisar que vinham, mas não me disseram qual era o motivo. Encontraram o Jon? Onde é que ele está?

A preocupação no rosto da mulher transformou-se em raiva. Virando-se, conduziu os dois polícias a uma sala que poderia facilmente ser transformada num campo de padel.

— Eu sabia que ele ia fugir como um autêntico cobarde — acrescentou. — Abandonou-nos, a mim e aos miúdos, de certeza para fugir com uma ordinária qualquer. Desde que se foi embora, telefonaram para aqui três raparigas, três!, a dizer que tinham andado metidas com ele. Além dessas três, quantas mais terá havido?!

Enquanto falava, indicou-lhes um enorme sofá branco. Quando Ruben se sentou, sentiu-se afundar pelo menos dez centímetros. Era como aterrar numa nuvem.

— É a senhora Josephine, certo? — perguntou Mina, sentando-se também.

— Sim, desculpem. Josephine Langseth — replicou a mulher, sem mostrar qualquer interesse em saber os seus nomes nem lhes dar tempo para se apresentarem.

Entretanto, Ruben não pôde deixar de reparar que Josephine Langseth parecia saída de um anúncio da *Ralph Lauren*. Uma reluzente cabeleira loira, apanhada atrás num rabo de cavalo perfeito. Uma camisa

branca que parecia cara, enfiada numas calças de ganga que pareciam ter custado uma pequena fortuna. E, por baixo, roupa interior *Simone Pérèle*, só podia. Ruben não teve dificuldade nenhuma em imaginar-se a agarrar naquele rabo de cavalo, enquanto a comia. Mas depois viu a expressão furiosa de Amanda e recompôs-se, engolindo em seco. *Controla-te!*, pensou.

— Então, onde é que anda o Jon? — perguntou Josephine ao sentar-se no sofá em frente. — Nas Ilhas Caimão? Nas Bahamas? No Dubai? Nem sequer sei que países não têm acordo de extradição com a Suécia. Mas o Jon gosta do Dubai. Íamos lá muitas vezes de férias. Ficávamos no One&Only the Palm. É aí que ele está?

Mina trocou um olhar com Ruben antes de falar.

— Localizámos o Jon, de facto. Mas ele não se encontra no Dubai. Na verdade, encontrámos os seus... restos mortais. Lamentamos informá-la que o seu marido faleceu.

O silêncio preencheu o enorme apartamento. Só se ouvia um leve zumbido, como se alguém estivesse a aspirar numa divisão distante. Josephine pareceu afundar-se no sofá, com o olhar perdido numa janela. Ao virar-se nessa direção, Ruben viu a igreja que tinha o nome do rei Óscar, por entre as copas das árvores da avenida cobertas de neve. Por alguma razão, lembrou-se de que aquela igreja albergava um dos maiores órgãos da Suécia. Era engraçado como algumas coisas ficavam gravadas na memória.

— E eu tão... indignada com ele — disse Josephine, num tom diferente do que havia usado antes. — Pensei que ele me tinha abandonado, que me tinha deixado sozinha, atolada de merda até ao pescoço. Com três filhos para cuidar, os inspetores das finanças e o Ministério Público a baterem-me à porta, e a imprensa a pintá-los, a ele e aos compinchas, como uns bandidos do pior... Os vizinhos nem se dignam a olhar para mim. Os pais dos colegas dos miúdos não me dirigem a palavra. E aquelas raparigas que telefonaram... Pensei... Estava mesmo convencida de que ele tinha fugido. E sentia-me tão zangada. Mas não deixei de o amar... — E desabou num choro silencioso.

Ruben contorcia-se, desconfortável, no sofá. As cenas de sexo que tinha imaginado esfumaram-se. Sempre que via uma mulher chorar, só lhe apetecia dar à soleta.

— Ele tinha inimigos? — perguntou Mina, tirando um lenço de papel do pacote que trazia no bolso do casaco.

— Estava envolvido num negócio duvidoso no valor de milhares de milhões de coroas — respondeu Josephine. — Claro que ele tinha inimigos. Mas disso não sei nada. Diga o Ministério Público o que disser. Ele ocupava-se do seu trabalho, e eu ocupava-me da casa e das crianças. Dividíamos as tarefas. Quando lhe perguntava alguma coisa sobre o trabalho, ele dizia apenas que corria tudo bem, e a conversa ficava por aí. Se quiserem averiguar, terão de falar com os sócios dele.

Depois, assoou ruidosamente o nariz e pousou o lenço de papel sobre a mesa.

— Não lhe ocorre mais ninguém que tivesse algo contra ele? — perguntou Ruben, com alguma cautela. — Uma... mulher que lhe tivesse rancor?

Josephine Langseth bufou.

— As raparigas que telefonaram não deviam ter mais de vinte anos, e nenhuma parecia especialmente inteligente. Eu conheço bem o Jon e não creio que se tenha tornado muito íntimo com elas. Provavelmente, levava-as para a cama e mais nada. Mas... o que quis dizer com isso? Como é que o meu marido morreu?

— Foi precisamente por isso que fiz a pergunta — respondeu Ruben. — Não sabemos como ele morreu. Porém, não podemos excluir a hipótese de ter sido assassinado.

Josephine inspirou fundo bruscamente e voltou a irromper no choro.

— Compreendemos que seja um duro golpe para si — disse Mina, pegando noutra lenço. — Mas tudo o que nos possa dizer será uma grande ajuda. Lembra-se de mais alguma coisa?

Ruben reparou que Mina não tirava os olhos do lenço sujo em cima da mesa, enquanto estendia o novo lenço a Josephine.

— Não sei — respondeu a mulher, depois de voltar a assoar-se. — Umhas semanas antes de desaparecer, começou a comportar-se de um modo estranho. Não sei como hei de descrever, mas tornou-se paranoico... Escondia-se muitas vezes atrás das cortinas, a espreitar lá para fora. Levantava-se várias vezes à noite, e eu ouvia-o andar de um lado para

o outro pela casa. Quando saíamos, estava sempre a olhar para trás. Mas... — Fez uma pausa e encolheu os ombros. — Se calhar, era por causa do julgamento, que estava cada vez mais próximo. Era o que eu pensava, pelo menos. O Gustaf dizia que toda a gente andava sob uma enorme pressão. E presumi que o Jon queria simplesmente evitar os jornalistas.

— O Gustaf? — quis saber Ruben.

— Gustaf Brons, o sócio do Jon. Um dos acionistas da sociedade. Somos amigos chegados. Ele costumava contar-me coisas que o Jon me escondia, quando... Mas isso não vem ao caso.

— E como se sentiu em relação a essa mudança no comportamento do Jon? — perguntou Mina.

Josephine baixou os olhos.

— Mal... No fim de semana antes de ele desaparecer, fui ao *spa* da Ellery Beach House só para passar um tempo sozinha. Agora que penso nisso, pesa-me a consciência.

Pousou o segundo lenço na mesa, ao lado do primeiro, e Ruben reparou que Mina desviou imediatamente o olhar.

— E agora, o que se segue? — perguntou Josephine, olhando alternadamente para os dois polícias.

Ruben pigarreou.

— Iremos reter o... Jon... durante algum tempo, até que sejam concluídas as análises forenses necessárias. Depois disso, poderemos entregar-lhe o corpo para fazer o que considere oportuno.

— Onde é que o encontraram?

— Nos túneis do metro — respondeu Mina.

Josephine ficou transida a olhar, sem conseguir libertar-se do seu assombro.

— Nos túneis do metro? Porquê? Ela nunca andava de metro.

Por amor de Deus!, pensou Ruben. *Quem é esta gente?*

— Ainda não sabemos muito mais — disse Mina —, nem podemos revelar o pouco que descobrimos, para não prejudicar o desenrolar da investigação. Mas é provável que a pressão dos meios de comunicação aumente quando se souber que encontrámos o Jon. Não podemos dizer-lhe o que fazer, Josephine, mas gostaríamos que restringisse ao mínimo o seu contacto com a imprensa.

— A imprensa anda a perseguir-me há meses. Acreditem no que vos digo, falar com os jornalistas é a última coisa que eu quero — respondeu Josephine com amargura.

Depois, acompanhou-os à porta e despediu-se com um aperto de mão surpreendentemente firme.

Enquanto o estreito elevador chiava e rangia a descer os seis andares, Mina pegou no álcool-gel para esfregar as mãos e Ruben ainda tentou, sem sucesso, visualizar a curva do rabiosque de Josephine Langseth. Mas tudo o que conseguia ver à sua frente era a caveira sorridente de Jon.

— Devias convencer os serviços de segurança a reforçar as medidas de proteção — disse Tor, cruzando os braços. — Lembra-te do fim trágico que tiveram a Anna Lindh e a Ing-Marie Wieselgren, para não falar do que te aconteceu no fim do verão. Não achas que foi por pouco? As pessoas ficariam espantadas se soubessem a quantidade de atentados que evitámos sem que ninguém tivesse conhecimento. Vivemos tempos de grande insegurança, e tu, Niklas Stockenberg, és obviamente um alvo. Dormiríamos todos mais descansados se contasses com mais medidas de segurança; tu próprio dormirias melhor. Já viste as tuas olheiras!

— Certo, certo, entendo a tua preocupação, Tor — concedeu Niklas, com uma certa frustração, passando a mão pelo cabelo. — Mas não estou de acordo. Viver sujeito ao nível de segurança que tu consideras adequado seria simplesmente insustentável.

Tor, no entanto, acertara no que se referia à dificuldade de Niklas em conciliar o sono. Este pegou num volumoso memorando que estava em cima da secretária e fez questão de começar a lê-lo, esperando que o assessor de imprensa percebesse a indireta e se fosse embora. No caso de Tor, porém, as indiretas subtis tinham tendência a cair em saco roto. A verdade é que ele permanecia firmemente plantado onde estava.

— Só peço que consideres essa possibilidade — pediu o assessor, com um ar carrancudo. — Se não for por ti, fá-lo pela Nathalie.

— Oh, pois. De certeza que a minha filha adolescente vai adorar ter uma escolta ainda mais numerosa. A mudança fará maravilhas à pouca vida social que conseguiu ter até agora.

— Melhor isso do que não continuar viva, não? — murmurou Tor, enxotando uma partícula invisível de pó da lapela.

Nunca estavam juntos fora do contexto profissional, mas Niklas imaginava claramente o guarda-roupa do seu assessor de imprensa: uma fileira

de fatos todos iguais, ao lado de uma fileira de camisas brancas. As gravatas também deviam ser idênticas, exceto a que tinha estampadas pequenas bandeiras suecas, que ele usava nos feriados nacionais. Na prateleira de baixo, devia ter uma fila de sapatos italianos pretos todos idênticos, perfeitamente engraxados. Tor não era dado a variações, mas era um assessor de imprensa leal e competente, que acompanhava Niklas desde que ele assumira o cargo. O seu maior defeito era o facto de, por vezes, não saber quando dar-se por vencido.

— Eu responsabilizo-me pela minha filha — replicou Niklas. — Agradeço a tua preocupação, mas começa a tornar-se um pouco excessiva. Estou satisfeito com o nível de segurança que tenho. O que aconteceu no verão passado não acontece todos os dias. Quero que a minha vida seja o mais normal possível.

O que acabara de dizer não tinha qualquer fundo de verdade. Estava longe de se sentir satisfeito. Gostaria de contar com pelo menos dez homens equipados com miras *laser* constantemente ao seu lado nas duas semanas seguintes. Contudo, tinha consciência de que estes de nada lhe serviriam. Os ponteiros continuavam a avançar no relógio, independentemente do número de seguranças que lhe fossem atribuídos.

— Bem, tu é que mandas, mas já sabes qual é a minha opinião — murmurou Tor antes de sair da sala.

Niklas desviou o olhar do memorando de mais de mil páginas que tinha sobre a mesa. Não conseguia concentrar-se. Tinha a pulsação acelerada. Na noite anterior, a seguir ao jantar, depois de Mina se ter ido embora, ficara acordado até de madrugada com um copo de rum na mão. Por diversas vezes, tivera de assegurar a Nathalie que não se passava nada, quando, na verdade, ele é que não se atrevia a adormecer, por receio dos pesadelos que pudesse ter. Tanta preocupação, porém, tinha sido em vão, pois, quando finalmente se deitou, não chegou sequer a pregar olho.

A primeira coisa que fez de manhã foi voltar a ligar para o número de telefone no cartão. A mensagem era a mesma, exceto que desta vez mencionava treze dias em vez de catorze.

Tor fizera alusão às suas olheiras, mas isso nem era o pior. Não sabia sequer se seria capaz de se levantar. A sensação de impotência paralisava-o.

Afastou a pilha de papéis, recostou-se na cadeira de escritório de madeira e cabedal e esticou as suas longas pernas em cima da mesa.

Aquele cartão de visita parecia queimá-lo no bolso do casaco. Era absurdo. Ridículo. Imaginava-se num filme de ação muito mau, ou num romance policial ainda pior. Tais coisas não aconteciam na vida real. Embora, verdade seja dita, não entendesse como fora possível deixar-se apanhar desprevenido. Já devia saber desde o início.

Porque tinha sido ele a tomar a decisão. Escolhera seguir em frente com a sua vida, mas noutras condições. E aceitara as vantagens que lhe tinham sido oferecidas, vantagens essas que o tinham levado a Rosenbad, a sede do Governo.

Retirou o cartão de visita do bolso e pôs-se a observar o símbolo. Depois, colocou-o sobre a mesa, com o verso brilhante para cima. Das paredes à sua volta, os seus antecessores observavam-no com expressões severas. Será que também eles, em dado momento, tinham escolhido caminhos que não sabiam aonde iriam dar, sem terem a certeza se eram moralmente aceitáveis? Teriam tido de pagar um preço por isso? Provavelmente sim, de uma maneira ou de outra.

Niklas Stockenberg sabia que não podia ficar ali parado à espera. Tinha de fazer alguma coisa, fosse o que fosse. Precisava de tomar as rédeas da situação. De facto, podia começar pelo mais importante.

Pegou no telefone. Como ainda tinha a pulsação acelerada, teve de respirar fundo várias vezes e esperar que a respiração regularizasse. Não valia a pena assustar ninguém desnecessariamente. Então, marcou o número da ex-mulher.

Ao regressar do supermercado onde foi fazer compras, Vincent abriu a porta e ouviu a sua própria voz na sala de estar. Sacudiu a neve dos sapatos antes de entrar, descalçou-os, pendurou o casaco no bengaleiro e pousou os sacos na cozinha, sem nunca deixar de ouvir a sua voz. Quando entrou na sala de estar, descobriu de onde vinha. Benjamin e Rebecka estavam enroscados no sofá, a ver um dos seus programas antigos. No ecrã, ele tinha acabado de recrutar do público uma mulher loira para o ajudar no número seguinte.

— Quero que pense num número que tenha um significado especial para si — disse Vincent à mulher, estendendo-lhe um bloco e uma caneta. — Escreva-o, mas mantenha o bloco junto ao peito, para que ninguém o veja. Muito menos eu.

O Vincent da vida real fez um trejeito de desagrado. Desde que a sua colaboração com a polícia se tornara pública, a plataforma Viaplay tinha repostos todos os seus programas. Benjamin e Rebecka estavam a ver o primeiro episódio que ele tinha gravado.

— Porque estão a ver isso? — perguntou. — Não devias estar na escola, Rebecka?

— Para te envergonhar — respondeu a filha, sem tirar os olhos da televisão. — Porque é que escolhes sempre mulheres para subir ao palco? Não achas isso sexista? Já agora, as minhas férias de Natal começam hoje. E as do Aston, daqui a dois dias. Por isso, vai-te preparando.

— Nem sempre escolho, isso não é verdade — defendeu-se. — Escolher mulheres, quero dizer. Mas há números que funcionam melhor com mulheres, e outros com homens. Quando estão emoções em causa, é preferível trabalhar com mulheres, porque elas ousam exprimir os seus sentimentos de forma mais sincera, ao contrário de muitos homens.

— Chiça, pai! Nem acredito no que estás a dizer — reagiu Rebecka, chocada.

Vincent encolheu os ombros. Podia ser uma maneira de pensar um bocado retrógrada, mas pelo menos em palco o cenário era quase sempre esse.

Entretanto, a sua versão televisiva observava a mulher. Passado um minuto, socorreu-se de um quadro de ardósia para escrever rapidamente dezasseis números, dispostos em quatro linhas e quatro colunas.

Ah, esse programa, pensou Vincent. Tinha-se esquecido completamente daquele número.

— Esta cena não me parece muito dada a sentimentos — comentou Rebecka, rindo-se. — Vais pô-la a fazer os trabalhos de Matemática no último número do espetáculo?

— O que estás a ver ali é um quadrado mágico — explicou-lhe Vincent. — É um problema matemático antigo, inventado na China, no ano 190 a. C. Claro que, nessa altura, o quadrado tinha apenas três linhas e três colunas. O que usei no meu espetáculo era muito mais complexo. Creio que tiveram de passar oitocentos anos para alguém inventar essa variante, mais concretamente na Índia.

— E agora... a aula de História — comentou Rebecka com um suspiro. — Não sei se prestaste atenção, mas eu disse-te que estava de férias.

— Esperem lá... vocês já viram um quadrado mágico! — exclamou Vincent, radiante. — Vou só buscar o álbum de fotografias de Barcelona!

Ele sabia que, em parte, Rebecka tinha razão, mas também se lembrava de que ela havia adorado Barcelona quando tinham visitado aquela cidade há uns anos. Convencido de que a filha iria gostar do que lhe queria mostrar, pôs-se a vasculhar entre os álbuns alinhados na estante. Preferia imprimir as fotografias das férias em vez de as guardar apenas em formato digital, em parte porque era muito mais agradável sentar-se a folhear os álbuns, mas também porque nunca conseguia encontrar as fotografias que procurava entre as cinquenta mil imagens guardadas no computador.

— Aqui está! — exclamou, tirando o álbum da prateleira.

Foi sentar-se no sofá entre Rebecka e Benjamin e virou as páginas até chegar às fotografias da Sagrada Família, a fantástica basílica de Gaudí. Pelo canto do olho, reparou que os filhos começavam a olhar para as fotografias com algum interesse. Ele bem sabia.

— É isto! — disse, apontando para uma imagem. — Foi criado pelo escultor Subirachs, autor de muitas das esculturas desta fachada, da Paixão.

A fotografia era um pormenorizado grande plano de dezasseis números gravados na parede, dispostos numa grelha de quatro linhas por quatro colunas.

— Somando os números de cada uma das linhas, o resultado é sempre trinta e três — continuou. — Se o cálculo for feito por colunas, o resultado será também trinta e três. E o mesmo acontece se somarmos os quatro números de cada uma das diagonais. Ou os números dos cantos. De facto, há trezentas combinações possíveis para se obter o número trinta e três, que, como provavelmente sabem, é a idade que muitos cristãos acreditam que Jesus tinha quando morreu.

Benjamin passou o dedo sobre a imagem, parecendo fazer a soma de cabeça.

— Bué fixe — comentou, assentindo com a cabeça.

Vincent repetiu-lhe o gesto afirmativo, satisfeito. Era «bué fixe», de facto. Além disso, tratava-se de um feito matemático incrível. Pousou o dedo sobre a fotografia.

— E como se isso não bastasse — disse —, este quadrado tem também uma mensagem oculta. Quase todos os números aparecem apenas uma vez, mas reparem em quais deles se repetem. O dez e o catorze aparecem duas vezes. E a soma dos quatro dá quarenta e oito, que é também a soma das posições das letras INRI no antigo alfabeto latino.

Rebecka ficou a olhá-lo, sem perceber.

— INRI significa, obviamente, *Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum*, ou seja, «Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus», o epíteto que Pôncio Pilatos mandou gravar na cruz. — Vincent arqueou enfaticamente as sobrancelhas.

— Ena! — exclamou Rebecka, revirando os olhos. — O mundo está cheio de mentalistas!

Na televisão, Vincent tinha acabado de demonstrar que os dezasseis números escritos na sua grelha somavam quinze em todas as direções.

— Foi justamente a senhora, apenas com a sua proximidade, que me transmitiu esses números — disse Vincent no ecrã à voluntária que se oferecera para o ajudar. — Faça eu o que fizer, chego sempre ao número

quinze. É muito estranho. Não sei o que poderá significar o quinze. Tem alguma conotação especial para si?

Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas.

— É o número de anos que estou casada com a minha cara-metade — respondeu ela, completamente siderada. — Hoje é o dia do nosso aniversário.

Depois virou o bloco, onde tinha escrito um grande quinze a vermelho. Desenhara também um pequeno coração ao lado.

Rebecka desatou a rir.

— OK, não faço a menor ideia de como fizeste isso — admitiu. — Mas não importa. Continuam a ser TPC de Matemática. Deves ser o pai mais totó do mundo. Já agora, não tens de arrumar as compras?

— Benjamin, defende-me! — pediu Vincent ao filho, apontando primeiro para o álbum de fotografias e depois para a sua própria imagem na televisão. — Não é fixe?

— Desculpa, pai — respondeu Benjamin —, mas a Rebecka tem razão.

— Desisto — suspirou Vincent, levantando-se para colocar o álbum de novo no lugar.

Ele sabia, no entanto, que Benjamin estava apenas a fazer de conta que achava aquilo uma cena tonta de *nerd*. O seu filho mais velho não só herdara como, nalguns aspetos, suplantara a capacidade de Vincent para detetar padrões e compreender estruturas complexas.

As palavras da mulher do programa andavam às voltas na sua cabeça ao encaminhar-se para a cozinha a fim de arrumar as compras. *A minha cara-metade*. Vincent odiava esse tipo de expressões. *Cara-metade*, alma gémea... era uma maneira de pensar que impunha objetivos irrealistas às relações pessoais. Muito provavelmente, não remetiam para uma realidade em concreto. No entanto, se fosse verdade que as almas gémeas existiam, pior ainda. Porque, se assim fosse, a sua alma gémea era Mina, e isso tornava as coisas ainda mais complicadas.

Christer esticou as pernas por baixo da secretária, fazendo com que *Bosse* se levantasse, contrafeito. O dono sentiu-se culpado e voltou a recolher os pés, para que o cão se pudesse deitar em cima deles. Neste entretém, Christer tinha entrado na base de dados da polícia e introduzira o nome de Jon Langseth para ver o que conseguia descobrir sobre o seu desaparecimento. Mina estivera muito bem ao estabelecer imediatamente a ligação. Regra geral, demorava muito tempo a identificar um corpo, mas, como ocorrera a Mina um possível nome, Milda tinha conseguido pedir os registos dentários de Langseth e, em menos de vinte e quatro horas, a identificação ficara concluída. Faltava a parte mais difícil: descobrir se o empresário fora assassinado e, em caso afirmativo, quem o tinha feito e porquê.

Christer via-se obrigado a semicerrar os olhos para ler as letras no ecrã. Lasse estava sempre a dizer-lhe que ele precisava de óculos, mas, até ao momento, resistia a essa ideia. Não era por vaidade. Há muito que aceitara que a natureza não lhe proporcionara a fisionomia de um Adónis, nem mesmo enquanto jovem. Pelo que não, não se tratava disso, mas sim do facto de os sinais da passagem do tempo se lhe afigurarem como uma recordação dolorosa de que tudo tinha um fim. Pela primeira vez na vida, Christer Bengtsson temia a morte. Porque, pela primeira vez, era feliz. Essa sensação era-lhe desconhecida, inclusive alarmante; porém, mais aterradora era a convicção de que agora contava na sua vida com algo importante que podia perder. Precisara de se munir de coragem para apostar tudo num futuro ao lado de Lasse, porque para tal tivera de ousar mostrar-se ao mundo tal como era. Apostara bem alto e continuava a apostar todos os dias.

Daí que não tivesse qualquer intenção de usar óculos.

Olhou, irritado, para o canto mais afastado do *open space* do escritório. Um idiota qualquer tinha-se lembrado de pôr a tocar uma *playlist*

de músicas de Natal, e agora soava altíssimo *Noite de Paz*. Embora não fosse permitido ouvir música tão alta nos gabinetes, era como se, naquele ano, ali na sede, toda gente se tivesse rendido aos festejos natalícios. Por todo o lado se respirava um ambiente festivo. Contudo, por muito feliz que Christer pudesse estar, nunca chegaria ao ponto de apreciar as musiquinhas de Natal. Detestava-as. O pior de tudo eram as pessoas que começavam a pô-las a tocar logo em outubro.

Com *Bosse* deitado sobre os pés como se fosse uma manta, tentou concentrar-se no ecrã e não prestar atenção ao inferno musical que espalhava paz e amor. Semicerrou um pouco mais os olhos para ver melhor as letras e leu tudo o que dizia respeito ao desaparecimento de Jon Langseth. Depois, abriu o motor de busca e procurou no Google os artigos publicados na imprensa. Eram muitos. O interesse mediático havia sido enorme, e eram incontáveis as especulações. A maior parte, contudo, colocava a hipótese de o empresário ter desaparecido de livre vontade, conjecturando que tinha ido viver numa ilha tropical remota, com acesso a uma fortuna em contas secretas. A suposição não era infundada, dadas as circunstâncias, mas tinha-se revelado errada.

Pouco antes do desaparecimento de Jon, o escândalo da Confido já fazia as manchetes. Um bando de tipos de cabelo lambido abotoara-se com as poupanças de idosos desprevenidos, o que, não sendo novidade, tinha perturbado profundamente a opinião pública. Os fundadores dessa sociedade viviam à grande, em mansões luxuosas na zona de Lidingö, apartamentos elegantes em Östermalm, bebiam champanhe francês, conduziam carros desportivos, envergavam fatos feitos por medida, relógios caros e viajavam constantemente para Saint-Moritz, Ibiza, Dubai e Maldivas. E tudo às custas de modestos pensionistas. Mas a festa tinha acabado abruptamente, com o início do julgamento e a consequente exposição mediática. Christer, inclusive, seguira com interesse a cobertura jornalística, mesmo antes do desaparecimento de Jon, porque poucas coisas lhe davam tanta satisfação como ver esses canalhas sem vergonha terem o que mereciam.

A mulher do empresário dera-o como desaparecido na manhã de 10 de agosto. Quando lhe perguntaram por que razão não o fizera na noite anterior, respondera que Jon saía frequentemente para jantar fora em trabalho e, não raras vezes, regressava a casa já depois de ela estar deitada.

Todavia, encontrava-o sempre em casa de manhã. Assim, percebendo que o marido não havia regressado, telefonara à sua secretária, que lhe dissera que ele também não tinha estado no escritório no dia anterior. Foi então que passou a temer que lhe tivesse acontecido alguma coisa.

A partir daí, o circo estava montado. A polícia começara também a investigar. Havia um dossiê com depoimentos da mulher de Jon, dos seus sócios e de todos os que pudessem ter notícia do seu paradeiro. No entanto, aquilo que emergiu de todos os interrogatórios foi que, depois de ter saído de casa de manhã, aparentemente a caminho do escritório, ninguém voltara a vê-lo. A polícia tinha tentado encontrá-lo. Fizera um bom trabalho nesse sentido. Contudo, na opinião de Christer, não tentara o suficiente, provavelmente porque toda a gente estava convencida de que Jon tinha fugido do país para ir viver à grande no estrangeiro.

Do outro extremo da sala, começou a ouvir-se uma nova canção natalícia. Horrível. Absolutamente insuportável.

A mãe de Christer era doida pelo Natal, daí que, em criança, tivesse sofrido uma *overdose* de celebrações natalícias. Não era preciso ser psicólogo para perceber que por essa razão ele se transformava numa espécie de ogre sempre que a famigerada época do ano se aproximava. Infelizmente, tinha de admitir que acabara por trazer para dentro de casa outro fanático do Natal. Se dependesse dele, Lasse teria começado a colocar as decorações em meados de novembro, pelo que tiveram de chegar a um acordo. Christer concordara que ele pusesse a tocar músicas de Natal à noite e aos fins de semana, mas não antes de meados de dezembro, pelo que agora tinha de suportar o mesmo horror em casa e no trabalho.

Várias horas e uma série de musiquinhas de Natal depois, Christer espreguiçou-se na sua desconfortável cadeira de escritório. Tinha lido tudo o que havia para ler nos ficheiros sobre Jon Langseth e tudo o que era possível encontrar na Internet sobre o caso, mas, tudo bem espremido, não havia nada de significativo. Nada que lhe chamasse a atenção, nenhuma pista para seguir. Era como se Jon tivesse desaparecido assim que saiu de casa. Ninguém voltara a ter notícias dele até as suas ossadas serem encontradas num túnel do metro, quatro meses mais tarde.

Cansei-me de esperar.

Não tens ninguém a quem culpar senão a ti próprio.

Podias ter escolhido outro caminho, mas não o fizeste.

Então, chegámos ao teu ómega. O princípio do teu fim.

O Natal está a aproximar-se em Estocolmo e a cidade enche-se de luzes. Mas algo sinistro está prestes a acontecer. Um misterioso telefonema para o ministro da Justiça marca o início de uma contagem decrescente que o empurra inexoravelmente para o dia marcado para a sua morte. Simultaneamente, uma macabra pilha de ossos é encontrada nos túneis subterrâneos abandonados da cidade, e tudo aponta para que pertençam a uma pessoa proeminente desaparecida algum tempo antes.

A investigadora Mina Dabiri e os seus colegas do departamento de homicídios assumem a investigação. Mas as pistas são escassas e Mina vê-se obrigada a voltar a recorrer ao mentalista Vincent Walder. Com a descoberta de mais uma pilha de ossos, começam a interrogar-se sobre o que estará realmente escondido nas profundezas da capital. Vincent, por sua vez, luta incansavelmente para descobrir quem está por trás do envio de uma série de enigmas e quebra-cabeças que o colocam defronte dos seus próprios demónios.

O tempo está a esgotar-se, e Mina e Vincent vão ter de se embrenhar na mais profunda escuridão para decifrar a mente do inimigo mais perverso que alguma vez conheceram.

«Läckberg e Fexeus sabem perfeitamente
como escrever uma história impactante e envolvente.»

Göteborgs Posten



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

sumadeletrasportugal

ISBN 9789895831531



9 789895 831531 >